

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

BACHARELADO EM TEOLOGIA

WELLINGTON DA SILVA

A IMACULADA CONCEIÇÃO: história, teologia e culto.

ANÁPOLIS - GO

2022

WELLINGTON DA SILVA

A IMACULADA CONCEIÇÃO: história, teologia e culto.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS - GO

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

WELLINGTON DA SILVA

A IMACULADA CONCEIÇÃO: história, teologia e culto.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

Data da aprovação:

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

ORIENTADOR

Nome do Convidado

CONVIDADO

Nome do Convidado

CONVIDADO

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pelo seu auxílio e amparo nas minhas buscas e realizações.

A Maria Imaculada, que pelo seu assentimento ao desígnio de Deus, nos possibilitou Jesus, Deus feito carne, para nossa salvação.

Aos sacerdotes, Pe. Wiremberg José da Silva e o Mons. Gabriel, pelo incentivo, dedicação, diligência e empenho na elaboração do presente texto.

A todos os amigos, que contribuíram diretamente e indiretamente, na produção textual da referente monografia.

À minha comunidade, [da qual pertenço], a Obra de Maria, por toda colaboração na formação humana, acadêmica e espiritual.

Ao povo de Deus, aos devotos da Virgem Imaculada que ternamente incentivaram-me na reflexão.

Ao povo paraense, pela manifestação de amor para com a Virgem de Nazaré, que encanta e cativa por sua expressão religiosa.

À minha família, pela compreensão nas ausências e pelo carinho.

“[...] A fim de preparar para o vosso Filho mãe que fosse digna dela, preservastes a Virgem Maria da mancha do pecado original, enriquecendo-a com a plenitude da vossa graça. Nela nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza [...]”.

Missal Romano, *Prefácio da Imaculada*.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo discorrer acerca da beatíssima Virgem Maria, que por graça singular e, em virtude dos méritos de Cristo, foi preservada da mancha do pecado original, isto é, salva de modo perfeitíssimo sem ter sua natureza corrompida e decaída pelo pecado; assim foi definido o Dogma da Imaculada Conceição de Maria - pela Bula *Ineffabilis Deus*, em 1854, por Pio IX, tornando-se categoricamente patrimônio da fé católica - o qual estava implícito desde os primórdios da Igreja pela sensibilidade dos fiéis. A problemática baseia-se em responder sobre a natureza do dogma, sua importância na vida eclesial, sua eficácia pastoral e amadurecimento da fé dos cristãos. O magistério eclesial apresenta a liturgia e piedade como instrumentos eficazes para o entendimento do culto mariano e amor para com a Mãe de Deus. Os textos eucológicos respondem perfeitamente ao mistério da Imaculada ao ser celebrado no advento em vista do Natal do Senhor. Maria Imaculada é o bendito fruto da redenção de Cristo, toda bela, pelo qual Deus armará perfeitamente a sua tenda entre os homens. O método bibliográfico exerceu papel essencial na construção textual, ornando a reflexão com preciosos ensinamentos da Escritura, Tradição, Magistério, Liturgia e da Teologia, a fim de obtermos uma reflexão sólida, segura e com relevância/objetividade para a comunidade teológica e eclesial. A partir da pesquisa, verifica-se que a Virgem Imaculada é elo para frutuosos diálogos, amadurecimentos, congregando à piedade popular dos fiéis e à ação litúrgica da Igreja no culto mariano, incidindo diretamente na evangelização, santificação e comunhão eclesial. O dado da Imaculada ocasiona fundamentalmente implicações, mudanças e amadurecimentos, pois o dogma está perfeitamente acolhido e inserido nos dados essenciais da fé católica, proporcionando assim enriquecimentos no campo da teologia e influência na ação litúrgica, moral e escatológica da Igreja e dos fiéis. A piedade e a liturgia são abordadas na complementaridade da fé católica e valorização do culto eclesial a Cristo e a Maria. Enfim, o dogma da Imaculada Conceição é amplo na sua forma de abordagem, bem como no tecido eclesial cristão; sendo assim, Maria é o grande viés na compreensão das ações de Deus em favor dos homens, na identidade e compreensão da Igreja, no culto eclesial, no comportamento e vocação do homem em corresponder ao amor de Deus. Em Maria Imaculada, somos atraídos pela inefável graça salvífica de Deus em seu favor, e ao mesmo tempo conduzidos em um caminho de perfeição progressivo e de comunhão total com Deus.

Palavras-chave: Cristo. Imaculada. Pecado Original. Igreja. Culto.

ABSTRACT

The present monograph, for aim of explaining about the most beatitude Virgin Mary, which for the natural choice, and by virtue of the merits of Christ, was preserved from the stain of original sin, that is, he saves in most perfection without having their nature corrupted and defeated by sin: thus, the definite dogma of the Immaculate Conception of Mary - by the Bula Ineffabilis God. In 1854, by Pio IX, becoming category Care Catholic Faith - which was implied since the early days of the Church by the sensitivity of the faithful. The problematic is based on answering about the nature of the dogma, its importance in the ecclesial life, its pastoral effectiveness and maturity of the faith of the Christians. Understanding of the Marian worship and love for the Mother of God; the eucological texts respond perfectly to the music of the Immaculate when it is celebrated in the open in view of the Christmas of the Lord, Mary Immaculate and the blessed fruit of the redemption of Christ, all beautiful, by which God perfectly the ecclesial magisterium presents the liturgy and piety as effective instruments for the fitted his tent among men. The bibliographical method plays an essential role in textual construction, embracing reflection with precious teachings of Scripture, Tradition, Magisterium, Liturgy and theology, in order to obtain a solid, safe and relevant / objective reflection for the theological and ecclesial community. From the research, it is verified that the Immaculate Virgin is auction for fruitful dialogues, matures, bringing together the piety of the faithful and the liturgical action of the Church in Marian culture, focusing directly on evangelization, sanctification and Ecclesial Communion. The Immaculate data can also fundamentally implications, changes and matures, because the dogma is perfectly welcomed and inserted in the essential data of the Catholic faith, thus providing enrichments in the field of theology and influence in the liturgical, moral and eschatological action of the Church and the faithful. piety and liturgy are addressed in the complementarity of the Catholic faith and the valuation of ecclesial worship to Christ and Mary. Finally, the dogma of the Immaculate Conception is wide in its form of approach, as well as in the Christian ecclesial tissue; Thus, Mary is the great bias in the understanding of God's actions for men, in the identity and understanding of the Church, in the ecclesial worship, in the behavior and vocation of man to correspond to the love of God. In Mary Immaculate, we are attracted by the ineffable grace of God in his behalf, and at the same time conducted in a path of progressive perfection and of total communion with God.

Keywords: Christ. Immaculate. Original Sin. Church. Worship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CAPÍTULO 1 - A IMACULADA CONCEIÇÃO ENTRE A SAGRADA	
 ESCRITURA E A TRADIÇÃO PATRÍSTICA.....	13
1.1. Fundamentos bíblicos.....	13
1.1.1. Pressupostos Veterotestamentários.....	13
1.1.2. Evangelho de Lucas.....	16
1.2. Tradição Patrística: Santidade/ <i>Panhagia</i>	24
1.2.1. André de Creta.....	25
1.2.2. João Damasceno.....	29
2 CAPÍTULO 2 - HISTÓRIA E FORMULAÇÃO DOGMÁTICA DA IMACULADA	
 CONCEIÇÃO.....	36
2.1. Contexto histórico.....	36
2.1.1. Antecedentes do dogma.....	37
2.1.2. Festa litúrgica.....	38
2.1.3. Pecado original e graça.....	40
2.1.4. As polêmicas entre os maculistas e imaculistas.....	42
2.1.5. Doutrina Imaculista de Duns Scotus.....	44
2.2. Magistério anterior à proclamação do Dogma da Imaculada Conceição.....	46
2.2.1. Papa Sisto IV.....	47
2.2.2. Concílio de Trento.....	49
2.2.3. Bula <i>Ex omnibus afflictionibus</i> de Pio V (1.10.1567).....	51

2.2.4.	Breve <i>Sollicitudo omnium ecclesiarum</i> de Alexandre VII (8.12.1661).....	51
2.2.5.	Encíclica <i>Ubi primum</i> de Pio IX (2.2.1849).....	53
2.3.	Bula <i>Ineffabilis Deus</i>	53
3	CAPÍTULO 3 - A TRADIÇÃO LITÚRGICO – PASTORAL	57
3.1.	Concílio Vaticano II – <i>Lumen Gentium</i>	57
3.1.1.	A Carta Encíclica <i>Ad Diem Illum Laetissimum</i> - Pio X, as Cartas Encíclicas marianas - Pio XII.....	58
3.1.2.	O Capítulo VIII da <i>Lumen Gentium</i>	60
3.2.	Teologia do Culto Mariano – <i>Marialis Cultus</i>	62
3.2.1.	Fundamentos Teológicos.....	64
3.2.2.	Finalidades do Culto.....	68
3.2.3.	Textos eucológicos da Solenidade da Imaculada Conceição.....	68
	CONCLUSÃO	72
	REFERÊNCIAS	74
	ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

A presente monografia, intitulada *A Imaculada Conceição: história, teologia e culto*, tem como finalidade discorrer sobre o papel memorável da Virgem Maria Imaculada, no aspecto bíblico, no testemunho da tradição, da teologia, magistério e liturgia; entender o mistério de sua natividade sem mácula, a natureza e finalidade deste grande privilégio concedido por Deus a Ela, seu lugar no culto cristão e importância para a fé católica.

O dogma da Imaculada e seus desdobramentos na liturgia, piedade e escatologia, ainda gravitam em uma obscuridade, em um desconhecimento e marginalização por parte da crítica teológica e dos fiéis, tornando-se apenas objeto de reflexão e domínio dos especialistas na área. Por isso, exporemos a natureza, seus fundamentos escriturísticos, patrísticos, contribuições da teologia e do magistério que, evidentemente, foram gerando a verdade de fé do dogma, definida pela bula *Ineffabilis Deus*.

Esta verdade de fé intrigou e contrariou a muitos na história, perpassou gerações, até desenvolvimento e coroamento do objeto mencionado. Como perceberemos, as dificuldades foram sempre evidentes: as disputas teológicas, polarizações favoráveis e contrárias, inclusive grandes santos e doutores, famílias religiosas se objetaram a reconhecer o privilégio da isenção da mácula em Maria; bem como dificuldades teológicas, culturais, históricas. Por isso, pouco a pouco, a Igreja foi discernindo, posicionando-se, até sua definição dogmática em 1854. No ocidente esse percurso de amadurecimento iniciou no século IX até findar no século XIX. Hoje ainda cabe-nos lançar, abstrair e favorecer o entendimento, o culto e a expressão religiosa à Virgem Imaculada.

O sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II expressa em diversos textos das constituições, *Lumen Gentium*¹ e, de forma particular, na *Sacrosanctum Concilium*², o desejo de uma reforma de culto e de aprofundamento teológico e práxis pastoral que gira em torno da figura de Maria, na liturgia e piedade popular, que abarca um autêntico culto e ação litúrgica no seio da Igreja. O enfoque deste trabalho colaborará com o entendimento do povo de Deus, no magnífico lugar e respeito que

¹ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Lumen Gentium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 66-67.

² Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição *Sacrosanctum Concilium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 103.

a Igreja dedica à bem-aventurada Virgem Maria, no mistério pascal de seu Filho amado, Jesus Cristo, bem como o vínculo a esse mistério, do qual é fundamento para o culto e sua importância na vida cristã.

A respeito do desenvolvimento deste trabalho, a Imaculada Conceição suscita problemáticas que norteiam os enfoques, proporcionando responder às interrogações acerca do objeto em discussão e do privilégio mariano da Conceição de Maria, tais como: “Por que Imaculada? Conceito? Privilégio de Deus? Para quê? Há sentido hoje para a pastoral falar da Imaculada? Que sentido há na Imaculada para a fé da Igreja?”.

Juntamente com a colaboração desses questionamentos, atrelam-se também aos objetivos centrais que nos motivaram a desenvolver e produzir acerca da Imaculada e a responder alguns aspectos que normalmente ficam carentes de clareza teológica e pastoral, tais como: relação entre culto e piedade; o fundamento e o lugar do culto mariano na Igreja; o estreitíssimo e perfeitíssimo vínculo da Mãe com o Filho.

Seguindo adiante, é conveniente aprofundar e enriquecer a nossa reflexão, destacando sobre a compreensão da solenidade da Imaculada Conceição, a partir dos textos litúrgicos e dos ensinamentos do Magistério da Igreja; compreender a importância e motivo dela ser celebrada no advento, muito próximo da solenidade do Natal do Senhor; e por fim, seu ligame ao mistério pascal de Cristo: uma salvação prévia de Maria por seu Filho.

A Imaculada Conceição é uma preciosidade muito singular para a Igreja oriental, um viés de leitura na história de Deus com o homem, bem como seu papel na vida dos povos e das culturas. Desta forma, precisamos compreendê-la na sua especificidade, na natureza de sua missão, para assim amar, venerar e refletir de forma concisa a sua real importância, evitando os extremismos. Desta forma, consideramos por bem, justificando-se em nível pessoal, acadêmico e pastoral.

A escolha dessa temática leva em conta a importância da Imaculada na vida dos fiéis, sobretudo na experiência com Deus e seguimento de Jesus Cristo, através da liturgia e piedade. Particularmente, pela consideração que muitas Novas Comunidades Católicas têm, em seu carisma e espiritualidade, um profundo caráter mariano, de modo especial sob o patrocínio da Imaculada Conceição, como, por exemplo, a ‘Obra de Maria’. A Toda Santa e Bela encanta toda a Igreja, motivando

uma sincera busca de conversão e santidade, em uma configuração e união total a Jesus Cristo.

Considerando as contribuições para a comunidade teológica, é oportuno sublinhar o seu teor acadêmico, despertando novos estudos, aprofundamentos, que muito proporcionarão enriquecimentos para a vida da Igreja. Embora existam muitas literaturas sobre a Imaculada Conceição, verifica-se uma escassez de produção em língua portuguesa. O fim da produção teológica é sua destinação para a formação da comunidade cristã nos seus diversos níveis: catequético, litúrgico, pastoral, moral..., enriquecendo no amadurecimento da fé, nas práticas de piedade e na participação litúrgica, despertando e fomentando um autêntico culto a Maria Imaculada.

A metodologia tomada na elaboração, de cunho bibliográfico³, proporcionou levantarmos um numeroso acervo acerca da temática ou referente à mesma, propiciando vasta leitura⁴, a fim de obtermos uma reflexão sólida, segura e com relevância e objetividade para a comunidade teológica e eclesial.

O nosso anseio sobre a temática da Imaculada foi de construir uma reflexão sólida, que não pairasse apenas no objeto do dogma, mas que perpassasse por todo este itinerário presente nos três capítulos, tendo seu cume na vida da Igreja e dos fiéis, abarcando as diversas fontes: as bases bíblicas, patrísticas, recebendo contribuições da história, do magistério e das liturgias. De fato, apresentar a Imaculada, considerando o seu amadurecimento na Igreja, respeitando os outros dados da fé católica: pecado original, encarnação, salvação, graça e redenção universal, por isso necessitou de aprofundarmos melhor a temática.

Em três capítulos, dividimos nosso trabalho, proporcionando ao leitor um entendimento gradativo, conciso e progressivo, contemplando a temática nos seus objetivos gerais e específicos. No primeiro capítulo, destacaremos os fundamentos bíblicos e patrísticos, que são essenciais para o dado da Imaculada Conceição; desde os pressupostos do Antigo Testamento, a imagem da mulher e da serpente, da Filha de Sião, enfim, vislumbram-se indiretamente o privilégio mariano, culminando com o evangelho de Lucas, na perícopes da anunciação (1,26-38), em

³ Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

⁴ Cf. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

que a Virgem é designada como cheia de graça, favorecida de graça e santidade permanentes; da tradição dos Padres, emergem ricos comentários acerca da excelsa santidade e singular graça com as quais foi enriquecida desde sempre a Imaculada Virgem Maria, sobretudo pelo testemunho de André de Creta e João Damasceno, que resgatam toda a herança da patrística expressa nos seus escritos.

No segundo capítulo, percorre-se o itinerário histórico, cultural, teológico, magisterial e litúrgico. O dogma vai tomando forma na piedade e liturgia; o objeto ganhará harmonização com os fundamentos teológicos formulados pelo beato Duns Scotus; entretanto, o debate teológico entre os opositores e defensores da Imaculada acirra-se, ganhando proporção de destaque e preocupação no corpo eclesial, por conseguinte, a Igreja inicia os posicionamentos magisteriais, de modo fundamental com a Constituição *Cum praeexcelsa*, tornando-se um marco que culminará com a definição solene da Bula *Ineffabilis Deus*, ou seja, a Igreja reconhece a Imaculada Conceição como verdade do patrimônio cristão católico.

Por fim, no último capítulo apresentaremos a repercussão do dogma e o culto da Imaculada Conceição em todo o universo católico, que, após sua definição dogmática (1854), tomará a atenção dos pontífices e do magistério nos seus aspectos teológicos, litúrgicos e pastorais; inegavelmente a doutrina e o dogma da Imaculada terão acolhida no Concílio Vaticano II, no capítulo VIII da *Lumen Gentium*⁵, condensando, de modo magistral, o conteúdo da verdade de fé. A reflexão abordará a natureza, os fundamentos, a finalidade e os aspectos práticos do culto mariano na celebração dos mistérios de Cristo na Igreja; por isso faremos uso da *Marialis Cultus* (1974), de Paulo VI, que ordenará substancialmente o culto mariano, enriquecendo a razão pela qual o mesmo é imprescindível para a missão da Igreja. Concluindo, analisaremos brevemente os textos eucológicos da solenidade da Imaculada Conceição e seu destaque no ciclo do advento/natal, que tem seu caráter tipicamente mariano.

Esperamos que este nosso trabalho dedicado à reflexão da Virgem Imaculada, desperte, aguçe e reinflame os corações dos féis, dos filhos da Igreja, para que cresçam no conhecimento e amor e tomem-na como modelo de santidade, para com aquela que fora escolhida e ornada com todas as graças: Maria, a toda bela, toda santa e toda pura.

⁵ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Lumen Gentium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 52-69.

CAPÍTULO 1

A IMACULADA CONCEIÇÃO ENTRE A SAGRADA ESCRITURA E A TRADIÇÃO PATRÍSTICA

Neste capítulo, desenvolveremos as bases da teologia sobre a Imaculada Conceição, partindo dos dados bíblicos, de modo particular da fonte lucana, que encontrará na tradição patrística oriental um terreno fértil de comentários e aprofundamentos acerca de tal questão, que visa a sublinhar a excelsa santidade da Virgem Maria através dos mistérios de sua concepção e anunciação do Senhor. Nele é visível a santidade, que se revela substancialmente de dentro para fora, de maneira particular na sua relação com Deus e com os outros.

1.1. Fundamentos bíblicos

O arcabouço fundamental e coração de toda teologia, como nos ensina a rica tradição eclesial, e que vem de modo solene no sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II, na Constituição dogmática *Dei Verbum*⁶, é a Sagrada Escritura, pois é o próprio Deus que fala de Si e daquilo que está em seus desígnios em favor do homem. Para darmos início à reflexão sobre a Imaculada Conceição da Virgem Maria, é imprescindível termos como ponto de partida a Sagrada Escritura, tomando os textos na sua globalidade e natureza, de modo implícito no Antigo Testamento, e explicitamente no Novo Testamento, no qual a Igreja nos apresenta os ensinamentos dos Padres da Igreja no desenvolvimento do dogma e na definição dogmática com a Bula *Ineffabilis Deus*⁷.

1.1.1. Pressupostos Veterotestamentários

A estrutura da Bula *Ineffabilis Deus*, em seu desenvolvimento teológico e bíblico, traz consigo numerosas referências ao Antigo Testamento. Destacaremos as mais importantes e essenciais quanto ao dogma.

⁶ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Dei Verbum***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 2.

⁷ Cf. SERRA, Aristides. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 605.

a) O Protoevangelho

É o anúncio primeiro de salvação, logo após a queda dos nossos primeiros pais, como o livro do Gênesis (3,15) nos indica tal promessa: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela [...]”. Neste belo anúncio, verifica-se no testemunho dos padres e escritores eclesiásticos, a figura de Cristo e de sua mãe, a Virgem Maria, na luta contra com o demônio e seus descendentes. É notável o vínculo estreitíssimo e indissolúvel de Maria junto ao Filho (cf. Lc 1,26-38; Jo 2,1-11; 19,25-27; At 1,14), que é mediador salvífico entre Deus e os homens, que junto dele esmaga, no triunfo da cruz, a cabeça do antigo inimigo⁸. E o exegeta A. Serra nos diz: “[...] era de todo conveniente que uma mãe tão venerável resplandecesse sempre adornada com os fulgores da santidade mais perfeita e, inteiramente imune da mancha do pecado original, alcançasse o mais completo triunfo [...]”⁹.

b) Figuras bíblicas

Do anúncio salvífico do Protoevangelho, verificamos inúmeras figuras e imagens bíblicas que aludem à beleza, santidade e perfeição de Maria Imaculada, enfatizando sempre seu papel na economia de salvação em corresponder a Deus e favorecer aos homens, tais como: a arca de Noé (cf. Gn 6,8-19), a escada de Jacó (cf. Gn 28,12), a sarça ardente (cf. Ex 3,2-3), o jardim fechado (cf. Ct 4,12), a beleza de Jerusalém e seu monte santo (cf. Sl 87,1.3), a teofania de Deus ao encher o templo de glória (cf. 1Rs 8,10-11), tabernáculo tecido por Deus e formado pelo Espírito Santo, ornado com ouro e beleza singular (cf. Ex 31,1-11; 35,30-35; 36,37)¹⁰.

c) A Filha de Sião

Nos fios condutores do Antigo Testamento que têm por cume o Novo Testamento, o pressuposto da Filha de Sião é o mais significativo e que alcança sua plena realização em Maria (cf. Lc 1,28), “[...] Israel participa como mulher, e que

⁸ Cf. SERRA, Aristides. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.) **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 606.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

nesse relacionamento Israel é, a um só tempo, virgem e mãe [...]”¹¹, assim como a Virgem Maria. Ratzinger conclui:

Certamente essa linha veterotestamentária permanece incompleta e em aberto, exatamente como todas as demais linhas do Antigo Testamento. Seu significado definitivo só será alcançado no Novo Testamento: na mulher que é designada, ela própria, como verdadeiro resto santo, a autêntica filha de Sião, e que assim se torna a mãe do Salvador, de fato, Mãe de Deus [...]”¹².

É por isso que os textos proféticos apontam para Sião como aquela que jamais será abandonada, desolada, onde Deus habitará plenamente e será sua grande alegria (cf. Is 62,4; Lc 1,26-38), como o profeta diz: “Já não te chamarão abandonada, nem te chamarão à tua terra desolação [...], lahweh terá prazer em ti e se desposará com tua terra” (cf. Is 62,4-5). Como já dissemos, Maria realiza as esperanças de Israel, personifica Sião-Jerusalém; ela é a aurora que antecipa o fulgor verdadeiro e é privilegiada pela ação de Deus. Nesta ótica da Filha de Sião e Jerusalém, é oportuno concluir, retornando o que diz Serra:

[...] A renovação admirável prometida à cidade santa tem seu início exemplar em Maria. Ela surgiu no horizonte da história como aurora radiante que anuncia o Sol de justiça: Cristo. Os raios do Verbo criador e futuro redentor penetraram nas fibras mais profundas dessa minúscula criatura, e não permitiram que sombra alguma aí se aninhasse [...]”¹³.

d) A morada de Deus e esposa imaculada

A grande promessa de Deus para Sião é que ainda mais Ele iria habitar perenemente no meio do seu povo, trazendo alegria, vida e aliança nova. E assim o texto profético evidencia: “Rejubila, filha de Sião, solta gritos de alegria, Israel [...] lahweh, o rei de Israel, está no meio de ti” (cf. Sf 3,14-15.17; Zc 2,14-15; Jl 2,27). Essa presença é fruto da aliança de Deus no Sinai (cf. Ex 19,5-6), tornando Israel lugar do fulgor de Deus, glória do Senhor, maior que a própria luz dos astros¹⁴; a santidade daquele que é o Santo de Israel exige mudança de Israel (cf. Ez 37,23.27), porque a santidade de Deus ganhará pleno “*fiat*” de aliança no coração e

¹¹ Cf. RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião**: a devoção mariana na Igreja. São Paulo: Paulus, 2013, p. 17.

¹² Ibid., p. 18.

¹³ Cf. SERRA, Aristides. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 608.

¹⁴ Ibid.

na vida da Virgem Maria, tabernáculo em que Deus se une com nossa carne¹⁵, porque assim nos atesta Serra: “[...] E a plenitude da graça que reside no Verbo comporta a plenitude de graça daquela que devia ser sua arca viva”¹⁶.

No monte Sinai, Israel é tomada por esposa imaculada, toda santa e bela, mesmo que não seja real; deparamo-nos com o assentimento que aludirá ao de Maria, pois é um crescente amadurecimento nas exigências e tornando-se o ideal; assim temos: “Tudo o que Iahweh disse, nós o faremos” (cf. Ex 19,8; 24,3.7), e de modo perfeito o *fiat* do verdadeiro Israel: “Faça-se em mim, segundo a tua palavra” (cf. Lc 1,38). Israel era a porção eleita do Senhor, a mais bela entre todas as nações e atenciosa aos mandamentos do seu Esposo¹⁷. Era a esposa que sobe alva e toda cândida do deserto, sustentada pela força do seu Amado (cf. Ct 8,5). Tudo o que a tradição veterotestamentária aponta sobre a vocação de Israel, sobre seu estado de graça e perfeição, será um ligame para refletirmos sobre a Imaculada Conceição de Maria e seu pleno *fiat* como a verdadeira esposa sem ruga, sem mancha e toda bela, através dos textos do Novo Testamento e da tradição patrística sobre o que a Igreja dirá sobre Maria¹⁸.

1.1.2. Evangelho de Lucas

A primeira e mais importante menção de Maria no evangelho de Lucas é na Anunciação do Senhor à Virgem de Nazaré (cf. Lc 1,26-38). Tal anúncio tem seu caráter primariamente cristológico, que constitui o cerne do mistério da Encarnação do Verbo¹⁹. No esquema do texto que relata a saudação feita pelo arcanjo à Virgem Maria, são vistas inúmeras semelhanças e paralelismos em comparação com o que disse o Anjo a Zacarias a respeito de João Batista (cf. Lc 1,11-25). Todavia, no anúncio a Maria, torna-se bem maior e importante para a economia salvífica, e que ambos se baseiam nos anúncios no Antigo Testamento.

¹⁵ Cf. SERRA, Aristides. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 609.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Cf. BROWN, Raymond Edward. et al. **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 123.

a) Anunciação do Senhor à Maria (Lc 1,26-38)

“Alegra-te, cheia de graça”. Certamente essa saudação não seja tão perturbante como parece, até porque é bastante habitual (cf. Jz 6,12). Desta maneira explica-nos Brown: “[...] semelhante saudação não é dirigida normalmente a uma mulher em Israel ou no judaísmo; todavia, o fato de Maria se perturbar diante do que poderia significar aquela saudação (Lc 1,29), [...] de ser saudada pelo anjo [...]”²⁰.

No grego é chamada de *Kecharitômené*, na aliteração é *chaire*, na qual o vocábulo é voz passiva do particípio de *charitoun*, que logo indica *charis* (favor, graça) sobre alguém, que significa outorgar graça, ser favorável²¹. Maria é uma pessoa agraciada por Deus, pois ela “encontrou graça diante de Deus” (cf. Lc 1,30), sendo eleita por Deus (cf. Ef 1,4), que implica o motivo do cumprimento da filha de Sião (cf. Is 12,6; Sf 3,14-15; Jl 2,21-27; Zc 2,14; 9,9), onde Deus habitaria perenemente no meio do seu povo, já mencionado anteriormente. É uma escolha do amor de Deus para com Maria, que nos leva além do fato em si, da Anunciação. Como o verbo grego está no particípio, chamada de *Kecharitômené*, “[...] significa um gesto de amor que não começa agora, mas tem suas raízes na eternidade de Deus”²². O verbo também designa plenitude sobre alguém. Na tradução latina da Vulgata *Ave gratia plena*, indica cheia de graça, porém não como entendemos normalmente, mas indica que, na geração do Filho, a boa nova cristológica é antecipada sobre Maria. Os seus sentidos, como um todo, são tocados pelo mistério pascal de forma nova²³, ao passo desta eleição da sua concepção sem a mácula do pecado original.

O simbolismo com a Filha de Sião em Lucas (1,28) ‘Alegra-te’, é um dos eixos do simbolismo lucano, como personificação que recai sobre Maria de uma figura feminina do povo de Deus e da Arca da Aliança. Entretanto, divide opiniões acerca de tal questão de personificação de Maria nas expectativas messiânicas do povo. Por mais que se tenham questionamentos da exegese bíblica acerca da personalização das figuras do Antigo Testamento em Maria, é notório o grande

²⁰ Cf. BROWN, Raymond Edward. et al. **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 139.

²¹ Ibid.

²² Cf. AUTRAN, Aleixo Maria. **Maria na Bíblia**. São Paulo: Edições Ave Maria, 1992, p. 159.

²³ BROWN, p. 140.

avanço na exegese e teologia bíblica para melhor entender o mistério de Maria na economia salvífica, assim apresentado de modo especial pelo evangelista Lucas. É por isso que González destaca tal contribuição:

[...] E assim costuma-se situar Maria em seu papel de personalização de Israel, o Povo amado e escolhido de Javé. Como tal, ela representa o que o Senhor espera do seu Povo, o protótipo e o ideal do mesmo. Nela realizam-se as promessas que se oferecem ao resto de Israel como o fim para onde o conduz, por seu Espírito, aquele que o chamou e escolheu. Por isso costuma-se aplicar à Filha de Sião, seguindo os Padres da Igreja, inúmeras imagens do Antigo Testamento que descrevem Israel, na qualidade de figuras de Maria. Recordemos algumas como a “pomba branca” do Cântico (Ct 2,10.14; 4,1; 5,2; 6,9), a Jerusalém Santa (Sl 87), a Arca da Aliança (Ex 25,10; 40,34-35; 1Rs 10-11; Ez 43,1-5) [...]²⁴.

Levando em conta o recurso literário do evangelista Lucas, ao utilizar os textos do Antigo Testamento, de maneira especial os de Zacarias (9,9) e de Sofonias (3,14-17)²⁵, que atestam o que Lucas assinala no capítulo 1, v. 27, ao chamar Maria de virgem, os textos veterotestamentários falam da virgem Filha de Sião, ou virgem Israel²⁶. Todavia, são encontradas grandes dificuldades para enquadrar o paralelismo de Lucas ao pé da letra; de modo particular, retomamos o *Chairé* por sua saudação habitual, e que por isso devia ser tomado pelo termo “alegra-te”; a mais contundente é a conexão entre Maria, a “virgem”, e Maria, a “Filha de Sião”, que não podemos considerar em sentido estrito, até porque há mais contradição no aspecto moral da fidelidade da Maria “virgem” e infidelidades, leviandades, opressão da Maria, “Filha de Sião”²⁷. Na Virgem de Nazaré tudo se excede em beleza, fidelidade, obediência, escuta, fé e graça: uma escolha livre e amorosa de Deus.

Nestes convites pronunciados no Antigo Testamento, na alegria vinda ao anúncio do Rei-Messias (cf. Zc 9,9), a alegria que emana pela presença salvífica de Deus no meio de Israel (cf. Jl 2,21; Sf 3,14-17), e no texto de Israel que traz consigo a alegria proveniente da fecundidade de Deus em querer estabelecer com Sião novamente relação esponsal. Todas essas profecias ganham sua plenitude e garantias em Maria, quando o Anjo anuncia a alegria salvífica de Deus ao povo atrás dela, desta maneira o exegeta aponta:

²⁴ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 276.

²⁵ Cf. São citados os textos de Lamentações 4,21 e do profeta Joel 2,21.

²⁶ Cf. BROWN, Raymond Edward. et al. **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 141.

²⁷ Ibid., p. 144.

[...] Na anunciação, consuma-se o que fora preparado nas promessas messiânicas do Antigo Testamento. O “alegra-te” pronunciado pelo Anjo Gabriel não pode ser compreendido no seu justo valor se for considerado isoladamente. Devemos tomá-lo na perspectiva de uma tradição, como seu ponto culminante [...]²⁸.

O evangelista Lucas, na seriedade e acurada investigação redacional (cf. Lc 1,1-4), quer levar à compreensão que o convite à alegria, dirigido a Maria, é feito por razão do seu privilégio de graça e desígnio eterno (cf. Ef 1,4). Assim, o termo grego utilizado pelo autor do Evangelho, *kekharitômenè*, termo raro, não é utilizado de qualquer forma e nem para uma pessoa como as outras, mas para Maria; por isso Lagrange nos diz que o uso deste termo tem uma intenção de exprimir sobre Maria “grau eminente de beleza ou favor” sobre a Virgem Imaculada, e Galot completa: “[...] Maria caracteriza-se por esta graça que possui. Não se trata de uma qualidade vulgar, partilhada com outras pessoas; é um título que define a Virgem, e que tem, por conseguinte, qualquer coisa de único e excepcional”²⁹.

Sem dúvida nenhuma, é um privilégio singular. Podemos apontar três pontos correlacionados com o dogma da Imaculada Conceição de Maria, proclamado em 1854, que nos ajudará na compreensão da santidade excepcional de Maria, que são: 1) a natureza desta graça não é de beleza corpórea, a graça espiritual é “[...] exclusivamente de graça divina, sobrenatural [...], era uma homenagem à beleza de Maria, à beleza de sua alma [...], conferia ao seu ser espiritual um encanto singular, uma beleza invisível, mas radiante e sedutora [...]³⁰; 2) O favor divino sobre Maria não é momentâneo ou que se torne obsoleto. O termo grego supracitado se traduz: “[...] aquela que recebeu a graça e continua a possuí-la [...]³¹, ou seja, não se trata de um simples favor para a concepção do Filho, mas de uma graça anteriormente outorgada e duradoura. Esta graça duradoura tende a operar em “[...] Maria uma transformação profunda no sentido da santidade, já que a pessoa de Maria de algum modo se pode definir por essa graça [...]³²; bem como sua ação no comportamento moral de Maria, que Robert Lagrange traduz: “[...] o homem perfeito [...]³³. A

²⁸ Cf. GALOT, Jean. **Maria e o Evangelho**. Lisboa-Portugal: Editorial Aster, 1961, p. 28-29.

²⁹ Ibid., p. 33.

³⁰ Ibid., p. 34.

³¹ Ibid., p. 35.

³² Ibid., p. 36.

³³ Ibid., p. 37.

mesma também é entendida como cheia do Espírito Santo (cf. Lc 1,41), que está intrinsecamente unida ao *kekharitômenè*, que “[...] é única e eminente, mal se compreenderia que ela não implicasse a plenitude a outros concedida”³⁴, que somente em Maria vemos em razão de sua maternidade. Por último, 3) Desde antes de sua concepção, Maria é plena da graça. Levando em conta a missão do precursor, que foi cheio do Espírito no seio materno, nessa mesma razão, o autor nos indica o mesmo acerca de Maria. O termo *kekharitômenè* certamente nos oferece um sólido fundamento para sustentar o raciocínio teológico acerca do excepcional privilégio da Imaculada Conceição de Maria³⁵.

Na expressão “o Senhor é contigo!”, vemos a presença de Deus que jamais irá abandonar o ser criado e nem a missão confiada a Maria, que está unida à expressão *kekharitômenè*, uma aliança que outorga a plenitude de graça. E assim, diz-nos Galot: “[...] Ela não designa apenas a intimidade que une Maria ao Senhor, a presença contínua e a contínua companhia de Deus no segredo da sua alma, porque vem como um eco de outras afirmações análogas no Antigo Testamento [...]”³⁶.

Sempre uma aliança feita por Deus através de um escolhido era sua aliança com todo o povo, ao passo que a Anunciação feita a Maria representa, assim, todo o Israel e a mesma fala em seu nome³⁷.

O evangelista continua a delinear a santidade de Maria: “como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum” (cf. Lc 1,34). Nesta expressão o mais importante não é julgar e nem supor o tempo verbal, o que Maria tinha de desejo, mas o que ela apresenta ao Anjo: que a mesma era virgem e não conhecia homem nenhum. Jean Galot acrescenta:

[...] Seria para admirar que São Lucas, transmitindo-nos a narrativa da Anunciação, não houvesse discernido nas palavras de Maria a primeira manifestação desse ideal, e não tivesse visto na Mãe de Cristo aquela que, antes de todas, quisera viver virginalmente para o Senhor e “ser santa de corpo e de alma”³⁸.

Temos que considerar a vida de graça e perfeição de Maria no seu ambiente social. Levando em conta a graça da Imaculada Conceição e extraordinária

³⁴ Cf. GALOT, Jean. **Maria e o Evangelho**. Lisboa-Portugal: Editorial Aster, 1961, p. 38.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid., p. 40.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid., p. 60.

plenitude de santidade, isso não seria uma via puramente legal para pertencer inteiramente ao Senhor, mesmo aspirando à virgindade? O dado da Imaculada Conceição anula completamente uma concepção depreciativa acerca da virgindade, e o autor acrescenta:

[...] É bem verdade que Maria foi chamada à consagração virginal por estar destinada a ser mãe do Filho de Deus. O mesmo se dá, aliás, com a sua concepção imaculada, que também está relacionada com a graça da maternidade divina e é consequência desta. Ora, a graça da concepção imaculada precedeu temporalmente a graça que vem com a Anunciação. Mais ainda: essa graça pertencia à ordem cristã, pois era dada a Maria tendo em vista a sua participação nos mistérios da Encarnação e da Redenção [...] ³⁹.

Na situação de virgindade, por mais que não fosse o ideal judaico, não podemos excluir o ideal de castidade como consagração, visto que os essênios viviam isso, e que o precursor do Messias, João Batista, praticava o mesmo. A castidade alcançava a esfera feminina, assim como Fílon mencionava das virgens da seita Terapeutas, que viviam livremente dessa forma. Caminhando um pouco mais, ainda temos as informações advindas dos documentos de *Qumrân*, que mostram claramente que havia tido amadurecimento tal prática e que era apreciada entre os judeus fervorosos ⁴⁰.

O assentimento de Maria traz à tona toda a riqueza cristológica da perícopé; por isso a Virgem Maria exclama: “Eis aqui a serva do Senhor” (cf. Lc 1,38). Nos versículos anteriores (1,32-33.35), têm-se traços pós-pascais da fé cristã, quando Maria é colocada como a crente que não hesita, aquela que foi plasmada sem pecado original no ventre de sua mãe, favorecida com a plenitude da graça de Deus mediante a sua maternidade. Ela é apresentada como a primeira que ouviu o evangelho ⁴¹ e será protótipo e modelo de vivência e da santidade que sabe “[...] ouvir a palavra de Deus e conservá-la [...]” ⁴². O Anjo põe deliberadamente Maria à prova, no mistério essencialmente obscuro, que fugia de sua razão: uma maternidade em foco de uma virgindade, e Maria dá seu consentimento pleno, o qual é o apogeu da fé de Israel na pessoa de Maria. O exegeta Jean Galot indica o porquê:

³⁹ Cf. GALOT, Jean. **Maria e o Evangelho**. Lisboa-Portugal: Editorial Aster, 1961, p. 64.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Cf. BROWN, Raymond Edward. et al. **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 137.

⁴² Ibid.

Se Maria dá essa resposta e se distingue pela grandeza da fé, é justamente porque a sua virgindade a preparou para ela [...]. Porque é da mesma disposição de alma que um e outra procedem. A resolução de ser virgem assenta numa confiança posta somente em Deus. Renunciando a todas as esperanças da maternidade terrena, Maria entregara nas mãos de Deus toda a fecundidade da sua vida [...]⁴³.

No consentimento de Maria, é clara sua inteira dependência para com Deus: “Eis aqui a serva do Senhor” (cf. Lc 1,38), pois entendeu perfeitamente o seu lugar no mistério grandioso que o Anjo lhe fizera. Deste modo, afirma Galot: “[...] A Virgem compreendeu a grandeza que lhe era oferecida. Tanto mais significativa foi a sua afirmação de ser uma serva”⁴⁴. E caminhando um pouco nesta reflexão da servidão de Maria aos planos de Deus, o autor observa que, nesta conformação, a configuração de Maria na Anunciação aos desígnios de Deus exprime-se santidade de toda a sua pessoa e querer: “As palavras <<serva do Senhor>> eram portadoras de uma intenção divina, que reclamava de Maria, não apenas um consentimento, mas uma conformação de todo o seu ser ao mistério da Incarnação redentora que através dela se ia realizar”⁴⁵.

Certamente verificamos de modo diferente e contrastante a visita do anjo à Maria e ao sacerdote Zacarias (cf. Lc 1,5-25), a simplicidade e a solenidade cultual entre Nazaré e Jerusalém. Deus quer de modo novo habitar em meio aos homens, no cotidiano do povo, e é por meio da humildade de Maria que isto se realiza, “[...] porque Deus quer vir a este mundo de uma maneira diferente – não como num lugar de culto. E, se o quer, é para penetrar mais profundamente na humanidade”⁴⁶. E ainda esses traços de solenidade são mais acentuados: origem, virtude por parte do evangelista a família de Zacarias, e o silêncio misterioso acerca de Maria, pois se menciona apenas que seu noivo, José, era da descendência de Davi (cf. Lc 1,27).

Neste mistério desconcertante, cheio de questionamentos e empolgante, a escolha por Nazaré, por Maria, é obra exclusiva de Deus, gratuidade de sua benevolência, pois “[...] No momento em que o Anjo se lhe dirige, Maria está num lugar e numa situação que convém ao alargamento da acção divina a toda humanidade”⁴⁷.

⁴³ Cf. GALOT, Jean. **Maria e o Evangelho**. Lisboa-Portugal: Editorial Aster, 1961, p. 75.

⁴⁴ Ibid., p. 96.

⁴⁵ Ibid., p. 98.

⁴⁶ Ibid., p. 16.

⁴⁷ Ibid., p. 22-23.

b) A visita de Maria à Isabel (Lc 1,39-56)

Os fatos estão entrelaçados entre si, o assentimento de Maria ao plano de Deus, e o seu encontro com Isabel, a visitação de Deus ao povo piedoso, fiel as promessas; culminando com Magnificat, um majestoso louvor pela obra admirável de Deus em socorro da humanidade, ao seu povo amado, Israel.

A Virgem Maria como Arca da Aliança: a cheia de graça está relacionada com a questão da Arca da Aliança, pois diz o anjo: “O poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra” (cf. Lc 1,35). A sombra indica-nos a nuvem da glória de Deus, que repousava e permanecia sobre a Arca no deserto (cf. Ex 40,35; Nm 9,18.22); a saudação de Isabel dirigida à Maria: “como vem a mim a mãe do meu Senhor?” (cf. Lc 1,43) quer indicar a pergunta que Davi fez para a Arca: “Como pode vir a mim a Arca do Senhor?” (cf. 1Sm 6,14). Assim nos esclarece o exegeta:

[...] Na visitação, Maria permanece uns três meses com Isabel (Lc 1,56); a arca da aliança permanece três meses na casa de Obed-Edom (2 Sm 6,11). Se se combina Lc 1,31 e Jo 1,14 resulta que a palavra de Deus se faz carne e “arma sua tenda” entre nós (*skénoun*, de *skéné*, tenda, tabernáculo), no seio da virgem Maria⁴⁸.

Essa representação prototípica que Maria realiza da Jerusalém como morada, lugar santo e de luz (cf. Is 60,19-20) será o próprio Deus ao tomar a iniciativa de habitar no meio do seu povo (cf. Ez 37,23.27), porém com maior esplendor e glória, pois escolheu para si um lugar puro e totalmente santo: o ventre de Maria. Serra nos apresenta:

Com razão comenta o autor de 2Mc 5,19: ‘Não foi por causa do Lugar que o Senhor escolheu o povo, mas sim, por causa do povo, o Lugar’. Isso quer dizer que ele se digna residir no santuário de Jerusalém para que Israel aprenda a honrá-lo sobretudo com uma vida inspirada no mandamento máximo: amor do Pai e dos irmãos. A proximidade entre Deus e os seus, expressada no templo de pedra, é o fermento que santifica o verdadeiro templo de Deus, que é a comunidade do povo escolhido e seu conjunto, e de cada uma das pessoas que a compõem. Mas, quando o Verbo se faz um de nós, cessa a economia do templo de pedra. Agora é o seio de Maria o tabernáculo no qual Deus se une com nossa carne. E a plenitude de graça que reside no Verbo comporta a plenitude de graça daquela que havia de ser sua arca vivente⁴⁹.

⁴⁸ Cf. BROWN, Raymond Edward. et al. **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 145.

⁴⁹ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 277.

No Antigo Testamento, o templo santo era habitação de Deus, construção de pedra destinada exclusivamente a Deus pelas práticas rituais e sagradas. Em paralelo a isto, Maria se contrapõe por não ser templo de pedra, mas o templo pessoal onde se realiza a Nova Aliança entre Deus e seu povo amado, algo nunca visto e completamente sublime. O templo por excelência é Maria, como assim interpreta o teólogo Aldama: “Por isso a santidade que lhe corresponde como templo do Verbo não é uma santidade externa, jurídica ou litúrgica. É uma santidade intrínseca, fundamentalmente renovadora, radicalmente divinizadora”⁵⁰.

Conclui-se que a Sagrada Escritura nos apresenta inúmeros contributos e virtudes da pessoa da Virgem Maria, exaltando o desígnio salvífico de Deus, bem como sua resposta ao mistério anunciado, aludindo às prerrogativas veterotestamentárias, culminando de modo especial na anunciação. Essa reflexão se enriquecerá ainda mais com a contribuição do ensinamento dos Padres Orientais, utilizando-se da beleza e da metáfora de linguagem para aprofundar o mistério de Deus na vida de Maria.

1.2. Tradição Patrística: Santidade, *Panhagia*⁵¹

De Padres da Igreja são chamados aqueles santos que, com a força da fé, a profundidade e solidez de seus ensinamentos, de maneira especial os bispos, geraram e nutriram a fé da Igreja, no período entre os séculos I-VIII d.C.⁵². Eles contribuíram para formar um rico patrimônio da fé e da cultura da Igreja. Por isso que o Papa João Paulo II apresenta-nos a verdadeira importância desses homens para a vida da Igreja, ressaltando:

Padres ou pais foram, e pais continuam a ser para sempre [...] são estrutura estável da Igreja, e, em favor da Igreja de todos os séculos, exercem uma função perene. De maneira que todo o anúncio e magistério seguinte, se

⁵⁰Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 278.

⁵¹ Cf. KÜNG, H. et al. (Org.). **Maria nas Igrejas (perspectivas de uma mariologia ecumênica)**. Revista teológica Concilium 188-1983/8: ecumenismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p. 47. Os títulos da *Theotókos* e *Panhagia*, são termos que abundam na literatura ortodoxa para fazerem referências à pessoa da Virgem Maria, com intuito de apresentá-la sem nenhuma ambiguidade, e também para indicar o verdadeiro lugar de Maria na economia salvífica e na Igreja. O termo indica propriamente que Maria é “Toda-Santa”, eleita e glorificada pelos méritos do seu Filho ao ser concebido.

⁵² Cf. MARITANO, M. Maria nos Padres da Igreja. In: BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (Org.). **Dicionário de literatura patrística**. São Paulo: Edições Ave Maria, 2010, p. 1185.

quer ser autêntico, deve pôr-se em confronto com o anúncio e o magistério deles [...]»⁵³.

Transmitindo-nos através do anúncio, por vezes pelo martírio, de fato, são autênticas testemunhas da Tradição, comentadores e exegetas da Sagrada Escritura e que muito promoveram os valores humanos baseados nos princípios evangélicos.

A doutrina que nos transmitiram acerca da Virgem Maria é de máxima importância para a fé da Igreja, porque basearam seus escritos à luz dos dados neotestamentários, dos testemunhos de fé e do culto litúrgico, esclarecendo discussões dogmáticas e refutando proposições heréticas⁵⁴, apresentando a nós a Virgem Maria como modelo para a Igreja de Cristo. Em suas doutrinas e devoções, os Padres sempre relacionaram, compreenderam e contemplaram a Virgem Maria à luz do Verbo encarnado, tendo sempre as bases bíblicas e o referencial cristológico⁵⁵, em contextos diversos e aprofundando-a no evento salvífico de Cristo.

No último período da patrística, tido como decadente, vemos um grande amadurecimento das reflexões e compilações dos Padres, bem como contribuições que ampliaram a doutrina sobre a Virgem Maria⁵⁶. Neste tempo já se difundiam as primeiras festas marianas, porém nos deteremos na grande produção homilética sobre a Virgem Mãe de Deus⁵⁷, precisamente em dois expoentes da patrística grega: André de Creta e João Damasceno, que nos apontam germinalmente a Imaculada Conceição de Maria, expressa na sua excelsa santidade.

1.2.1. André de Creta

André de Creta (660-740 d.C.), nascido em Damasco, contemporâneo de João Damasceno, foi monge em Jerusalém e designado pelo patriarca Teodoro para participar do VI Concílio Ecumênico de Constantinopla (680). Foi um homem dotado de uma imensa caridade, defensor dos ícones, um pastor diligente. A Igreja do

⁵³ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica *Patres Ecclesiae***. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1980/documents/hf_jpii_apl_02011980_patres-ecclesiae.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

⁵⁴ Cf. MARITANO, M. Maria nos Padres da Igreja. In: BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (Org.). **Dicionário de literatura patrística**. São Paulo: Edições Ave Maria, 2010, p. 1185.

⁵⁵ Ibid., p. 1186.

⁵⁶ Ibid., p. 1194.

⁵⁷ Ibid.

oriente tem grande estima e o venera em suas igrejas como santo⁵⁸. Um grande escritor, produziu uma vasta gama de homilias e sermões, abarcando diversos assuntos no âmbito da fé, de modo especial a pessoa de Maria, o nascimento, anunciação e a dormição da Virgem⁵⁹. A partir desses dados, refletiremos sobre a excelsa santidade de Maria e sua concepção imaculada.

Na sua homilia sobre o nascimento de Maria, a *Encomio I en la Natividad de la SS. Madre de Dios*⁶⁰, o escritor eclesiástico nos apresenta como o princípio das festas, por onde a luz e a graça vem habitar entre nós⁶¹, explicando que esse princípio de salvação se concluiria com a sua união com o Verbo de Deus. Desta maneira, o nascimento de Maria é princípio de salvação que Deus operou em favor do povo no seio estéril de Ana, gerando Maria coroada de honra e ornada por flores imaculadas espirituais. Por isso seu nascimento é motivo de grande alegria para regeneração da raça humana. André de Creta explicava tal motivo jubiloso:

[...] Porque hoy la Virgen nace, y es alimentada y plasmada, a fin de prepararla para que sea la madre del Dios que reina en el universo por los siglos [...]. ¡Qué maravilla! Ella media entre la altura de Dios y bajeza de la carne, al hacerse Madre del Creador⁶².

Na Encarnação do Verbo, Deus abaixa-se em si mesmo, ao nosso vazio da natureza humana, para fazer-nos subir, enchendo a natureza humana de tamanha graça, divinizando a criatura formada do barro por sua liberalidade⁶³. Desta ação Maria é a mais beneficiada; nela superabundou a graça de Deus que alcançará toda raça humana. André completa: “[...] Excitando un cuerno de salvación en la casa de David su siervo (Lc 1,69), la inmaculada Virgen que no conoció varón, de la cual nació Cristo, salvación y expectación de los pueblos [...]”⁶⁴. O escritor eclesiástico continua enfatizando o motivo da grande alegria pela imaculada conceição de Maria, afirmando que todos devem exultar, que todos são beneficiados:

⁵⁸ Cf. IRINSCHER, J. André de Creta. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 98.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 698.

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid., p.699. [...] Porque hoje a Virgem nasce, e é alimentada y moldada, a fim de prepará-la para que seja a mãe do Deus que reina no universo pelos séculos [...] Que maravilha! Ela está entre a altura de Deus e a baixeza da carne ao tornar-se Mãe do Criador. (Tradução do Autor do Trabalho).

⁶³ Ibid., p. 700.

⁶⁴ Ibid. “[...] Excitando um exército de salvação na casa de David seu servo, (Lc 1,69), a Imaculada Virgem que não conheceu varão algum, da qual nasceu Cristo, salvação e contemplação dos povos [...]” (Tradução do Autor do Trabalho).

[...] Salten de gozo las madres; porque la madre si prole ha dado a luz a una madre incorrupta y virgen. Alégrense las vírgenes; porque la tierra no sembrada engendró al que de modo inefable y sin emanación procede del Padre [...] Hoy se manifiesta digna de Dios: madre que no conoce varón, elegida del Creador y reparación de la raza⁶⁵.

André continua a estender as razões de tão grande alegria, veneração e amor por Deus e por sua generosa benevolência ao preservar Maria da mancha do pecado original e abrir o caminho da divinização ao homem, sendo a Virgem incorrupta a primícia da raça humana a gozar desta condição:

Que toda la creación cante y dance, y ofrezca algo digno de este día. Se unan hoy los cielos y la tierra en una sola celebración, y unidos festejen todo cuanto está en el cosmos y sobre el cosmos. Porque hoy edificado el santuario creado del Creador universal, y de un modo nuevo la criatura prepara una divina habitación al Creador. Hoy la naturaleza reducida primero a polvo, recibe el inicio de la divinización, y el polvo se eleva de carrera a lo alto, hacia la gloria suprema. Hoy Adán hace de María la primícia, tomada de nosotros y por nosotros, para ofrecerla a Dios: de todo el lodo, a la que no fue enlodada, para hacer por medio de ella el pan para la regeneración de la raza. Hoy se revela el grande seno de la virginidad, y la Iglesia se reviste la inviolable margarita de la incorruptibilidad verdadera. La nobleza pura de los hombres, hoy recibe la gracia de la primera creación divina, y vuelve a ser ella misma. El vicio innoble había oscurecido la hermosa dignidad, que la naturaleza recupera en la Madre (hoy) nacida del que está por venir (en la madre nacida del fruto fresco), recibiendo una forma óptima y divinísima. Esta forma es en realidad una nueva llamada, y esta nueva llamada es a la deificación, y ésta a su vez es un reclamo a la antigua condición⁶⁶.

André de Creta, portanto, aprofunda ainda mais a excelsa santidade e incorruptibilidade de Maria através do *Sermon para la Anunciación de la SS. Madre*

⁶⁵ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 701. [...] Pulem de alegria as mães; porque a mãe sem filhos deu à luz a uma mãe incorruptível e virgem. Alegrem-se as virgens; porque a terra não semeada, gerou de modo indescritível o princípio de algo procedente do Pai (...) Hoje se manifesta digna de Deus: mãe que não conhece homem algum, eleita do Criador. (Tradução do Autor do Trabalho).

⁶⁶ Ibid. Que toda a criação cante e dance, e ofereça algo digno deste dia. Se unam hoje os céus e a terra em uma só celebração, e unidos, festejem tudo que está no cosmos e sobre o cosmos. Porque hoje, edificado o Santuário criado pelo Criador universal, a criatura prepara uma divina habitação ao Criador. Hoje a natureza reduzida ao pó, recebe o início da divinização, e o pó se eleva ao alto até a glória suprema. Hoje Adão faz de Maria a primícia, tirada de nós e por nós para oferece-la a Deus: de todo a mancha, àquela que não foi manchada, para fazer por meio dela o pão para a regeneração da raça. Hoje se revela o grande seio da virgindade, e a igreja se reveste com a inviolável margarida da incorruptibilidade verdadeira. A nobreza pura dos homens, hoje recebe a graça da primeira criação divina, e volta a ser ela mesma. O vício, que não é nobre, havia escurecido a bela dignidade que a natureza recupera na Mãe (hoje) nascida do que está por vir, (na mãe nascida do fruto fresco), recebendo uma forma diviníssima. Esta forma é, na realidade, uma nova chamada, e esta nova chamada é a da divindade, e esta, por sua vez, é um convite à antiga condição. (Tradução do Autor do Trabalho).

de Dios⁶⁷, enfatizando a ação de graças, o júbilo de vitória e felicidade, por tão grande e inefável mistério de amor do nosso Deus que nos visita através de Maria. Desatando a antiga condenação de modo gracioso e não violento, André expressa: “[...] No trayendo una escolta, no conduciendo ejércitos de ángeles, no marchando con pompa, sino en la soledad y el silencio [...]”⁶⁸.

Na mariologia de André de Creta, notamos traços da teologia cristológica-mariológica dos primeiros Padres, ao tratar de Maria, de Justino e de Irineu de Lião, com o paradigma Eva-Maria⁶⁹. Comentando o trecho da Anunciação do Senhor a Maria (cf. Lc 1,26-38), ele dá imenso destaque à alegria da salvação e da santidade de Maria que fora escolhida e preparada por Deus para ser uma digna habitação, arca da nova aliança, vaso honorífico de glória. Deste modo vemos:

Alégrate, instrumento del gozo, por el cual fue disuelta la sentencia de maldición, sustituida por el decreto de gozo. Alégrate, la en verdad bendita; alégrate, la ilustre; alégrate, magnifico santuario de la gloria divina; alégrate, palacio sagrado del Rey; alégrate, tálamo en el que Cristo desposó la humanidad; alégrate, elegida por Dios antes de los orígenes; alégrate, lugar de reconciliación divina con los hombres; alégrate, tesoro de una vida sin mancha; alégrate, habitación supraceleste del Sol de la gloria; alégrate, lugar espacioso en el cual Dios, que no puede ser contenido, sólo en ti se ha contenido; alégrate, santa tierra virgen, de la cual el cual el nuevo Adán vino a la existencia con inefable hechura divina para salvar al antiguo [...]. Alégrate nueva arca de la gloria, en la cual descansa el Espíritu de Dios que ha descendido [...]. Alégrate, urna de oro que porta el dulce maná y prepara la miel de la piedra para Israel obstinado. Alégrate, tenaza del místico carbón; alégrate, espejo espiritual de la clara preciencia [...]. Alégrate, cristal transparente a través del cual los que estaban sentados en la obscuridad del pecado recibieron el Sol de la justicia que descendía con gloria [...]”⁷⁰.

⁶⁷ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 703.

⁶⁸ Ibid., p. 703. “Não trazendo uma escolta, não liderando exércitos de anjos, não marchando com pompa, mas na solidão e no silêncio” (Tradução do Autor do Trabalho).

⁶⁹ Ibid., p. 705.

⁷⁰ Ibid., p. 708-709. Alegra-te, instrumento de gozo, pelo qual foi dissolvida a sentença de maldição, substituída pelo decreto do gozo. Alegra-te, na verdade bendita; alegra-te, a ilustre; alegra-te, magnifico santuário de glória divina; alegra-te, palácio sagrado do Rei; alegra-te leito em que Cristo desposou a humanidade; alegra-te por Deus antes das origens; alegra-te lugar de reconciliação dividida com os homens; alegra-te, tesouro de uma vida sem mancha; alegra-te, habitação supra-Celeste do sol da glória; alegra-te, lugar espaçoso no qual Deus, que não pode ser contido, só em ti se conteve; alegra-te santa terra virgem, da qual o novo Adão veio à existência com inefável feito divino para salvar o antigo [...]. Alegra-te nova arca da glória, na qual descansa o Espírito de Deus que desceu. Alegra-te, urna de ouro que porta o doce maná e prepara o mel da pedra para Israel obstinado. Alegra-te alicate do místico carvão; alegra-te espelho espiritual da clara presciência [...]. Alegra-te, cristal transparente, através do qual os que estavam sentados na obscuridade do pecado receberam o Sol da justiça que desceu com glória [...]. (Tradução do Autor do Trabalho).

1.2.2. João Damasceno

João Damasceno (650-749 d.C.), de família nobre árabe, mas cristã, nascido por volta de 650, em Damasco, esteve junto com seu pai a serviço dos califas, porém retira-se ao mosteiro de São Sabas, onde teve uma riquíssima e sólida formação teológica, sendo ordenado pelo patriarca João de Jerusalém no ano 705. É muito estimado pela Igreja bizantina e também pela Igreja latina⁷¹. João Damasceno tem uma vasta obra teológica, porém nos deteremos nas homilias e sermões sobre o nascimento e morte (*De dormitione*)⁷², que receberá na Igreja latina a designação de *Assunção*⁷³ da Virgem Maria⁷⁴. Com ele, se conclui tradicionalmente a patrologia dos Santos Padres gregos⁷⁵, sendo o último grande padre da Igreja oriental, o qual nos oferece uma excelente síntese da tradição patrística para os nossos dias⁷⁶.

Na sua homilia sobre o nascimento de Maria, intitulada *La Natividad de la B.V. María*⁷⁷, levando em conta a sua tradição eclesial, este grande Pai da Igreja destaca que a natividade de Maria é “hoje” da salvação do mundo, um marco novo e grandioso, sem contar seu caráter cristológico, que nos convida ao louvor, a cantar salmos, entoar e aclamar o Senhor pela obra estupenda feita em Maria. Ela é tida como a montanha do grande Rei, assemelhando-se ao Monte de Sião, porém em

⁷¹ Cf. STUDER, B. João Damasceno. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 764.

⁷² Cf. PERETTO, E. Assunção. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 186-187. O termo “*Dormição*”, da língua latina chamada de *dormitio* é o termo que os orientais usam para exprimir o término da vida terrestre de Maria, porém sem falar de morte, é um modo para tratar da morte não como prevaricação ou degradação do corpo, mas um sono; pois como pensavam os três grandes Padres bizantinos na matéria da dormição de Maria, André de Creta, Germano de Constantinopla e João Damasceno, falam de sua “morte” como trânsito, transferência para junto do Filho, pois seu corpo pertence ao Filho, ligados pelo vínculo da maternidade divina. A Virgem que é transferida é reconhecida como nova Eva, acolhida na glória eterna.

⁷³ Cf. SESBÔUE, Bernard. et al. (Dir.). **Os sinais da salvação: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria** (séculos XII – XX). Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 500-501. Outro termo semelhante que será usado pela Igreja Latina, é a “*Assunção*”, para indicar a glorificação da Virgem Maria no céu em alma e corpo. Os apócrifos e as homilias apontam para mencionar o sepulcro “vazio” ou não encontrado do corpo de Maria, assim falam da assunção. E que ganhará páginas de destaque na definição dogmática de Pio XII, em 1950, com a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, tornando a Assunção um dogma católico.

⁷⁴ Cf. STUDER, B. João Damasceno. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 764.

⁷⁵ Cf. DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁷⁶ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos**. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 215.

⁷⁷ Ibid., p. 739.

Maria tudo se excede, inclusive os adjetivos intrínsecos à sua eleição e santidade, aquela que traz ao mundo o Cordeiro de Deus, e diz-nos:

Montaña de Dios, montaña rica, montaña opulenta, montaña rica aquélla en la que Dios mismo ha querido poner su morada [...] Cumbre más sagrada que el Sinaí, que no pueden cubrir ni el humo, ni la tiniebla, ni la tempestad, ni el fuego amenazador, sino sólo el resplandor iluminante del Espíritu santísimo. [...] ⁷⁸.

O Deus amoroso que tudo provê em sua sabedoria, oferta-nos à Virgem Maria, toda santa e pura, desejada e preparada antes de todos os séculos, a fim de demonstrar a operosa misericórdia de Deus no mistério de salvação, sendo apresentada ao mundo em um tempo previsto, em vista de sua maternidade divina, como a *Theotókos*. Damasceno salienta:

La hijita santísima de Joaquín y de Ana se oculto a los principados y potestades, y “a las flechas ardientes del maligno” (Ef 6,16), pues habitó en el tálamo del Espíritu, y se conservó inmaculada para ser esposa de Dios y Madre de Dios por naturaleza. ¡Oh hijita santísima, que al aparecer en los brazos de su madre espanta las potencias apóstatas! [...]. ¡Oh amada de Dios, gloria de tus padres: las generaciones de generaciones te llamarán dichosa, como tú misma en verdad lo dijiste! ¡Oh hijita digna de Dios, belleza de la naturaleza humana, rehabilitación de Eva, la primera madre! Porque gracias a tu nacimiento, la que había caído se ha levantado! ¡Oh hijita santísima, resplandor delas mujeres! Porque si la primera Eva fue culpable de transgresión, y por ella “entró la muerte”. Porque ella puso a nuestro primer padre al servicio de la serpiente, María en cambio, siendo observante de la voluntad divina, engañó a la serpiente mentirosa, e introdujo en el mundo la incorruptibilidad ⁷⁹.

Damasceno, como tantos outros (André de Creta que fora supracitado, por exemplo), retoma toda uma tradição dos primeiros Pais da Igreja, de maneira

⁷⁸ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 739. Montanha de Deus, montanha rica, montanha opulenta, montanha rica é aquela em que Deus mesmo quis fazer a sua morada [...] Cume mais sagrada que o Sinai, que não podem cobrir nem a fumaça, nem a escuridão, nem a tempestade, nem o fogo ameaçador, somente o resplandecer iluminado do Santíssimo Espírito. [...]. (Tradução do Autor do Trabalho).

⁷⁹ Ibid., p. 740. A filhinha santíssima de Joaquim e Ana ocultou-se dos principados y poderes, e “às flechas ardentes do maligno” (Ef 6,16), pois habitou no altar do Espírito, e se conservou imaculada para ser a esposa de Deus e Mãe de Deus por natureza. Oh! Filha Santíssima, que ao aparecer nos braços de sua mãe, espanta as potencias renúncias! [...] Oh! Amada de Deus, gloria de seus pais: as gerações de gerações te chamarão bendita, como você mesma disse! Oh! Filhinha digna de Deus, beleza de natureza humana, reabilitação de Eva, a primeira mãe! Porque graças ao seu nascimento, aquela que havia caído, se levantou! Oh! Filhinha Santíssima, brilho das mulheres! Porque se a primeira Eva foi culpada de transgressão, e por ela “entrou a morte”. Porque ela colocou o nosso primeiro pai a serviço da serpente, Maria, do contrário, sendo observadora da vontade divina, enganou a serpente mentirosa, e introduziu no mundo a incorruptibilidade. (Tradução do Autor do Trabalho).

especial no que concerne ao paradigma clássico da mariologia, Eva-Maria⁸⁰, ao atribuir ao nascimento de Maria como causa de alegria, porta da luz e fonte de vida que esmaga a acusação proferida contra as mulheres⁸¹, desfazendo o nó da desobediência de Eva. Em contraposição à primeira mulher, a homilia enaltece as virtudes de Maria, sua beleza e santidade, se utilizando da poética:

[...] “Tu nombre es un perfume que se difunde” (Cant 1,2) dice la Escritura. Tus labios alaban al Señor y están pendientes de sus labios. Tu lengua y tu paladar discernen las palabras de Dios, y se sacian de la dulzura divina. ¡Corazón puro e inmaculado que contempla y se goza en el Dios sin mancha!⁸².

Maria é colocada acima dos coros angélicos, como a mais bela e honrada criatura, a serva do Senhor, a cheia de graça. Ela goza da mais alta benevolência divina, é a Virgem cheia da graça divina, mais honrosa que o templo de Salomão, talhada pelo Espírito Santo e com uma beleza majestosa, brilhando acima do ouro, das pedras preciosas, a joia mais valiosa de Cristo⁸³. Tanta beleza não era mera coincidência, é fruto da graça de Deus e das virtudes adquiridas. Sendo assim, João Damasceno descreve-nos a personalidade e a moral de Maria:

¡Alégrate, María, Dulce hija de Ana! [...]. El caminar era digno, sin precipitación, y libre de toda indolencia. El carácter era grave, impregnado de serenidad, reservado respecto a los hombres: testigo de esto es el temor que sintió ante el saludo inesperado del ángel (Lc 1,29). Dócil y obediente a sus padres; de pensar humilde aun en la más alta contemplación; de palabra alegre, como proveniente de un alma afable [...]⁸⁴.

⁸⁰ Cf. LIÃO, Irineu. **Adversus Haereses**. São Paulo: Paulus, 1995, III livro, p. 352. (Coleção patrística). “Eva/Maria”, é o paralelo análogo ao de Adão e Cristo segundo o apóstolo Paulo, que pertence originalmente a São Justino, que Irineu o desenvolve. Neste paradigma, Eva a Maria existe um caminho de degeneração e desobediência; de Maria a Eva, um caminho de obediência e regeneração, que tem sua fonte na redenção e recapitulação de Cristo como novo Adão sobre toda a criação prefigurada em Adão.

⁸¹ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos**. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 743.

⁸² Ibid., p. 743. “Seu nome é um perfume que se espalha” (Cant 1,2) diz a Escritura. Seus lábios veneram ao Senhor e estão penderes de seus lábios. Sua língua e seu paladar discernem as palavras de Deus, y se saciam da doçura divina. Coração puro e imaculado que contempla e se alegra no Deus sem mancha! (Tradução do Autor do Trabalho).

⁸³ Ibid.

⁸⁴ Ibid., p. 745. Alegra-te, Maria, Doce filha de Ana! [...] O caminhar era digno, sem precipitação, e livre de toda indolência. O carácter era grave, impregnado de serenidade, reservado o respeito aos homens: testemunha disso é o temor que Ela sentiu ante a saudação inesperada do anjo (Lc 1,29). Dócil e obediente a seus pais; de pensar humilde inclusive na mais alta contemplação; de palavra alegre, como proveniente de uma alma doce [...]. (Tradução do Autor do Trabalho).

O nosso autor, em outra de suas homilias, ao tratar da Dormição de Maria na *Homilia I sobre la Dormición de la B.V. María*⁸⁵, trata desse grande mistério insondável de Deus confrontando com a limitação da natureza humana de compreender e acolher o que Deus fizera pela Virgem Maria. Somente ela pode louvar ao Todo Poderoso que fez coisas grandiosas (cf. Lc 1,49), pois seu louvor emerge de uma fonte de justiça e santidade⁸⁶. João Damasceno realça com grande delicadeza e profundidade Maria, sua santidade, pois ele tem clareza da imensa benevolência que Deus lhe havia favorecido em razão de seu desígnio salvífico em escolhê-la como a mãe do seu Filho, bem como exalta e honra sua dormição, e se pergunta: ‘Como louvaremos, aquela que Deus escolheu?’, e assim responde:

[...] Abre, oh Dios Verbo, esta nuestra torpe boca. Concédenos, al abrir nuestros labios, la palabra llena de gracia. Sopla sobre nosotros la gracia del Espíritu [...] Pues ella, elegida desde las antiguas generaciones, por un designio previsto y por la voluntad sin tiempo, del Dios y Padre que te engendró de modo inefable y sin pasión, ella, digo, te dio a luz en los últimos tempos, como expiación y salvación, justicia y redención, a ti que eres vida de la vida, luz de luz y Dios verdadero de Dios verdadero, habiéndote de ella hecho carne: y pues su parto fue admirable, y la generación sobre toda naturaleza y pensamiento, y salvación para el mundo también su dormición fue sagrada, gloriosa y digna de todo encomio⁸⁷.

A Virgem Maria plasmada miraculosamente no seio estéril de Ana, por desígnio e graça de Deus, preservada do pecado original em vista de sua maternidade, é digna de ser louvada. Ademais, nota-se que sua vida por inteira foi bem-aventurada: a mesma nasceu, viveu e adormeceu santamente, por isso as milícias angélicas se voltam para ela em sua dormição com total reverência, assim como ao Autor da vida⁸⁸. O fulgor da dormição é notório em sua vida, por isso a graça e glória não são externas, mas intrínsecas à sua natureza formada por Deus.

O que Joaquim e Ana não puderam fazer pela história de salvação, só Deus pode realizar por promessa ao casal, em favor da humanidade dando-lhes a

⁸⁵ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 746.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Ibid., p. 747-748. [...] Abre, Oh Deus Verbo, esta nossa boca tola. Concede-nos, ao abrir nossos lábios, a palavra cheia de graça. Sopra sobre nós a graça do Espírito [...] Pois ela, escolhida desde as antigas gerações, por um desígnio previsto e pela vontade sem tempo, do Deus e Pai que te modelou de modo amável e sem paixão, ela, digo, te deu a luz nos últimos tempos, como expiação e salvação, justiça e redenção, a ti que es vida da vida, luz da luz e Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, dela feito carne: pois seu parto foi admirável, e a geração sobre toda a natureza e pensamento, e salvação para o mundo também seu transito foi sagrado, glorioso e digno de todo louvor. (Tradução do Autor do Trabalho).

⁸⁸ Ibid.

fecundidade para conceber a filha predileta do Pai, a fim de conceber e dar forma ao verdadeiro e perfeito homem no tempo previsto (cf. Gl 4,4). E formada pelo Pai Celeste, traz alegria a toda Terra⁸⁹; virginalmente preservada de corpo e alma, ou seja, tudo reflete a esplêndida santidade de Maria, toda santa e bela, cunhada e formada por Deus; por isso é cheia de graça.

Aquela que os anjos veneram, por seu nascimento imaculado, por sua obediência, virgindade e virtudes, fulgura santidade, vivendo como nascera. Concluídos os seus dias terrenos, não contempla a corrupção da morte que é fruto do pecado (cf. Rm 6,23), mas agora, em sua dormição, o seu corpo e sua alma contemplam a glória dos justos, por isso sua “*Dormitio*” não é sinônimo de degradação, corrupção e nem tristeza, mas é considerada um trânsito, imigração, passagem para uma glória ainda maior. Todos louvam e veneram, desta maneira, João descreve isto:

[...] Hoy, al emigrar tú hacia tu Hijo, te rodeaban los ángeles, las almas de los justos, de los patriarcas y de los profetas; te escoltaban los apóstoles, la innumerable multitud de Padres portadores de Dios, congregados como en una nube en esta divina y sagrada Jerusalén [...] ¡Oh como la fuente de la vida es conducida a la vida a través de la muerte! ¡Cómo aquélla que al parir había sobrepasado los límites de la naturaleza, hoy acata sus leyes, y somete su cuerpo imaculado a la muerte! Pues conviene que, deponiendo lo mortal, éste se revista de inmortalidad (1Cor 15,55), puesto que el Señor de la naturaleza no rehusó experimentar la muerte. Porque muere en la carne, y libera la muerte de la muerte, a la corrupción concede como gracia la incorrupción, y hace del deceso la fuente de la resurrección [...] ⁹⁰.

O que está por trás deste mistério? João Damasceno se interroga e também nós devemos fazer o mesmo que ele. E agora? E, de modo fantástico, responde-nos:

[...] ¿Cómo llamaremos este misterio respecto a ti? ¿muerte? ¡pero si naturalmente tu sacratísima y beatísima alma se separa de tu cuerpo es colocado en una tumba normal, sin embargo no persevera en la muerte, ni la corrupción lo consume. Porque así como la virginidad permaneció ilesa

⁸⁹ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 755.

⁹⁰ Ibid.. [...] Hoje, ao emigrar para o seu Filho, te rodeavam os anjos, as almas dos justos, dos patriarcas e dos profetas; te escoltavam os apóstolos, a inumerável multidão de Pais portadores de Deus, congregados como em uma nuvem nesta divina e sagrada Jerusalém [...] Oh! Como a fonte da vida é conduzida à vida através da morte! Como aquela que ao parir, havia ultrapassado dos limites da natureza, hoje acata suas leis, e submete seu corpo imaculado à morte! Pois convém que, separando o mortal, este se cobre de imortalidade (1 Cor 15,55), posto que o Senhor da natureza no aceitou experimentar a morte. Porque morre na carne, e libera a morte da morte, à corrupção concede como graça a incorrupção, e faz da morte fonte de ressurreição [...] (Tradução do Autor do Trabalho).

en la que dio a luz, así también al emigrar se conserva su cuerpo indisoluble, y transportado a una tienda mejor y divina, no sometida a la servidumbre de la muerte, sino destinada a durar por infinitos siglos de los siglos⁹¹.

O céu regozija ao receber Maria, as potências cantam hinos sagrados de forma admirável, o Rei a introduz em seus aposentos, na sua intimidade, onde as potestades fazem guarda⁹². Porém a realidade celeste se torna pequena para acolher a obra portentosa e majestosa que Deus realiza por Maria e que, no trânsito de sua vida, Ela é ornada ainda mais com os favores e o fulgor da glória de Deus. Ela é maior que o céu, sua santidade transborda e o céu não pode conter. Concluindo, Damasceno escreve:

¿Cómo pudo recibir el cielo a la que desborda todos los límites del cielo?
¿Cómo pudo acoger el sepulcro a la que fue portadora de Dios? Pues, sí la recibió y la acogió. Porque no era más extensa que el cielo por sus dimensiones corporales. ¿Pues cómo se podría comparar con la longitud y anchura del cielo, un cuerpo de escasa dimensión y que día tras día se consume? Sino más bien por la gracia supera toda medida de altura o profundidad [...] ⁹³.

Conforme dissemos até aqui, mencionando os fundamentos basilares, todavia importantes para um aprofundamento do dogma da Imaculada Conceição de Maria, tomamos conhecimento deles nos inúmeros fundamentos bíblicos, sejam veterotestamentários, sejam neotestamentários. Ainda vale sublinhar a teologia lucana, que é imprescindível para tal. E somados com a tradição patrística, de modo especial aos da Igreja Oriental, nos ensinamentos de Santo André de Creta e de São João Damasceno, abrem-nos um longo e seguro caminho para prosseguirmos no amadurecimento e fazendo uma acurada pesquisa no desenvolvimento do trabalho monográfico. No capítulo a seguir, confrontar-nos-emos com a história e

⁹¹ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *María en los Padres griegos: estudio introductorio y textos*. México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano, 1993, p. 755-756. Como chamaremos esse mistério ao seu respeito? Morte? Mas se naturalmente tua sacratíssima e beatíssima alma se separa do teu corpo e é colocada em uma tumba normal! No entanto, não persevera na morte, nem a corrupção a consome. Porque assim como a virgindade permaneceu ilesa naquela que deu à luz, assim também al emigrar, se conserva seu corpo indissolúvel, e transportado a uma tenda melhor e divina, não submetida à servidão da morte, e sim, destinada a durar por infinitos séculos dos séculos. (Tradução do Autor do Trabalho).

⁹² Ibid.

⁹³ Ibid., p. 758. Como poderia o céu receber aquela que transborda todos os limites do céu? Como ela poderia receber o túmulo ao qual ela era portadora de Deus? Bem, ele a recebeu e deu as boas-vindas. Porque não era mais extenso que o céu por causa de suas dimensões corporais. Como você pode compará-lo com o comprimento e a largura do céu, um corpo de pequena dimensão que é consumido dia após dia? Sim, mas pela graça excede/supera toda a medida de altura ou profundidade [...] (Tradução do Autor do Trabalho).

formulação dogmática, bem como os diversos aspectos, ensinamentos, posicionamentos e amadurecimento de tal questão no âmbito eclesial, dogmático e pastoral no seio da Igreja Católica, até à proclamação do dogma por Pio IX, em 1854. Sem dúvida nenhuma, foi um longo percurso de amadurecimento teológico e eclesial, na fidelidade à Sagrada Escritura, Sagrada Tradição e Magistério.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA E FORMULAÇÃO DOGMÁTICA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

No capítulo anterior, lançamos as bases para avançarmos de modo seguro na teologia do dogma da Imaculada Conceição; de agora em diante, tomaremos de forma minuciosa a história e os pontos cruciais da teologia católica, as teses de Duns Scotus e os posicionamentos magisteriais acerca da temática, que culminará com a definição solene da Bula *Ineffabilis Deus*, isto é, o reconhecimento da verdade implícita da Imaculada Conceição de Maria na fé católica, pelo Magistério, que o *sensus fidei fidelium* havia despertado pela piedade e liturgia, a Igreja acolhe, reconhece e incentiva o culto.

2.1. Contexto histórico

O dogma da Imaculada Conceição assume particular importância na teologia e na vida eclesial, pois sua história vem atrelada a grandes problemas, discussões teológicas e litúrgicas, interferências e contribuições político-culturais, devido às suas questões teológicas, pastorais e ecumênicas⁹⁴. Como supracitamos no capítulo anterior, o dogma da Imaculada Conceição é um fruto maduro da Igreja, particularmente no que concerne à evolução dos dogmas⁹⁵, porque não foi fruto de proposições teológicas heréticas, mas do crescimento da verdade de fé que se expandia dentro da Igreja, que partindo da Escritura, passando pelos Padres, alcança o *sensus fidelium*⁹⁶ e o Magistério, que foi ganhando harmonização dentro de questões fundamentais da fé católica. O Papa Pio IX, ao fazer grande reflexão e ter acolhido as decisões conciliares e magisteriais anteriores, a tradição, o assentimento dos fiéis e do episcopado, o desenvolvimento da piedade e da história

⁹⁴ Cf. DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 598.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid., p. 599. O *Sensus Fidei Fidelium ou Senso da fé dos fiéis*, compreende o senso comum da fé dos fiéis, que contribuem no amadurecimento da Igreja na assimilação das verdades de fé, que pelo batismo e pertença à Igreja, adquire percepção cognitiva do dado revelado. Assim como também o Vaticano II, na *Dei Verbum*, n.8 ensina-nos sobre tal matéria.

o dogma⁹⁷, chega à definição dogmática de 1854, através de fases polêmicas e dramáticas⁹⁸.

2.1.1. Antecedentes do dogma

A teologia patrística preparou, ou melhor, esboçou uma grande reflexão sobre a figura moral da excelsa santidade de Maria, isentando-a da mácula do pecado original, porém a questão da isenção do pecado original não é unânime, até porque, nos primeiros séculos da era cristã, o cerne da mariologia sempre foi a maternidade e virgindade⁹⁹, que depois, pouco a pouco, foi abarcando questões protológicas e escatológicas. O oriente cristão foi quem mais proporcionou reflexão acerca de tal temática, a partir da doutrina de Epifânio (+403), Efrém, o Sírio (+373), Proclo de Constantinopla (+446), João Damasceno (+749) e André de Creta (+750).

No ocidente vemos um campo com muitas discussões construídas por uma sólida reflexão teológica a partir de Agostinho, de maneira especial sobre a teologia do pecado original e da graça, que, por sua vez, deter-nos-emos posteriormente, o qual não acolheu tão bem a doutrina da Imaculada. Todavia, quem mais explicitou a doutrina da Imaculada Conceição foi Pelágio (+422) e seu discípulo, Juliano de Eclano (+454)¹⁰⁰. Porém, esta não teve harmonização com o dado salvífico da fé. A ideia de Maria sem mácula do pecado original encontrou barreiras na universalidade da redenção (cf. Rm 3,24; 6,23), do pecado original (cf. Rm 3,23), nos pressupostos teológicos de grandes teólogos e intelectuais da época, como Alexandre de Hales (+1245), Alberto Magno (+1280), Tomás de Aquino (+1274), Boaventura (+1274), Anselmo de Canterbury (+1109) e Bernardo de Claraval (+1153), os quais afirmaram que Maria foi purificada da mancha original, mas não como preservação¹⁰¹.

Germinalmente, o caminho para uma harmonização inicia com Pascásio Radberto (+ca.865), que parte da festa litúrgica e afirma tal privilégio de Maria; Anselmo, mesmo negando a substância do objeto, reconhece uma “pré-redenção”,

⁹⁷ Cf. MULLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica**: teoria e prática da teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 357.

⁹⁸ Cf. DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 598.

⁹⁹ Ibid., p. 599.

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ Ibid.

ou seja, ela foi redimida antes de nascer¹⁰². O primeiro grande teólogo do objeto da imaculada conceição foi Eadmer (+ca.1134), ao escrever um Tratado da Conceição santa de Maria. Além de acolher o senso do povo, faz uma clara distinção da concepção ativa (no pecado) e passiva (sem pecado), ao demonstrar seu pensamento dessa forma:

[...] Não podia (Deus) porventura conferir a um corpo humano... a possibilidade de permanecer livre de toda picada de espinhos, mesmo que houvesse sido concebido em meio aos agulhões do pecado? É claro que podia e queria fazê-lo; se o quis, ele fez (*potuit plane et voluit; si igitur voluit, fecit*)¹⁰³.

Ele elabora o argumento da conveniência salvífica: Maria unida intrinsecamente ao Filho, como mãe do Filho de Deus, fazendo dela o propiciatório universal, porém não chega à tangência reflexiva elaborada por Duns Scotus (+1308), ao apresentar a redenção preventiva¹⁰⁴. O horizonte que precisamos sempre ter em vista quanto à evolução e desenvolvimento do dogma é o “*Sensus fidelium*”, que tornou possível o entendimento, somado à Tradição e às teses de Scotus.

2.1.2. Festa litúrgica

A princípio, a festa litúrgica a Maria originou-se no Oriente no século VIII e passou ao Ocidente no século IX, com a nomenclatura: “*De conceptione Beate Mariae*”¹⁰⁵, celebrada no dia oito de dezembro, correlacionada à mais antiga festa da natividade de Maria, celebrada no dia oito de setembro¹⁰⁶. A Igreja bizantina celebrava no século VIII a concepção de Sant’ Ana, a mãe de Maria; a partir disso propagou-se para a Itália meridional, carregada de influxos bizantinos. De fato,

¹⁰² Cf. DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 602.

¹⁰³ Ibid., p. 603.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 270.

¹⁰⁶ Ibid. A festa da Imaculada Conceição, como conhecemos hoje, não podemos intuir do mesmo modo como originou-se, senão entraríamos numa diacronia histórica, litúrgica e teológica. O início da festa se relaciona com a concepção milagrosa de Ana, assim como já tratamos nos fundamentos patrísticos sobre a Natividade de Maria.

originou-se a partir da influência do Proto-Evangelho apócrifo de São Tiago, que menciona a concepção miraculosa de Ana e Joaquim, devido à esterilidade¹⁰⁷.

Foi na Grã-Bretanha que se começou a celebrar com o termo “*Imaculada Conceição*”, no século XI; nos anos seguintes, a Normandia acolheu a festa, que tomou seu caráter popular, e chamou-se “festa da nação normanda”, posteriormente para a França (1130 d.C.), pela influência dos estudantes normandos¹⁰⁸. No século XII a festa ganha sua clareza, a partir da concepção do Osberto de Clara (±1119 d.C.) *prior* de Westminster, que trata da santificação de Maria no instante antes de sua concepção no ventre de Ana pela graça de Deus “sem contágio de pecado”¹⁰⁹.

Devido às fatigosas dificuldades, conflitos e oposições de inúmeros teólogos, a festa perdeu sua popularidade no final do século XII. Em 1263, a festa é adotada pela ordem franciscana, que tem em dois teólogos franciscanos seus principais expoentes e defensores da doutrina imaculista, os beatos Ramón Llull e João Duns Scotus; muitas ordens acolheram a festa com exceção dos dominicanos¹¹⁰. Ela retoma vigor, a partir do século XIV, com a exposição e defesa da doutrina imaculista de Duns Scotus, praticamente tornando-se quase universal para o costume desta época¹¹¹.

O marco primordial para a universalização da festa no calendário romano da Igreja Católica começou a tomar forma com o papa Sisto IV, em 1477, na Constituição *Cum praeexcelsa*¹¹², aprovando via magistério a missa e o ofício da Imaculada, bem como posteriormente a sua confirmação e repúdio aos opositores, na Constituição *Grave nimis*¹¹³, em 1483. A partir do século XV, muitas universidades tomaram o costume de só conferir títulos acadêmicos aos que jurassem defender essa doutrina¹¹⁴. No ano de 1708, a Imaculada é declarada como ofício de solenidade e inscrita no calendário oficial romano por Clemente XI, para

¹⁰⁷ Cf. BORÓBIO, Dionísio. et al. (Org.). **A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 208.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 209.

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 271.

¹¹² Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 1400.

¹¹³ *Ibid.*, n. 1425-1426.

¹¹⁴ GONZÁLEZ, p. 271.

toda a Igreja Universal; com a Constituição *Commissi nobis divinitus*, em 1863, a missa e o ofício foram restaurados¹¹⁵.

2.1.3. Pecado original e graça

O termo “pecado original” surgiu com Agostinho, quando nos apresenta o pecado que entrou no mundo (cf. Rm 5,12), que pela falta de Adão acarretou para o gênero humano a culpabilidade, o que se chamará posteriormente de pecado originado e não de pecado pessoal¹¹⁶, e unido à injeção da graça, permitirá o melhor entendimento das teses formuladas por Scotus em defesa do privilégio mariano da Imaculada Conceição, dos pressupostos do dogma e da definição dogmática.

Os dados escriturísticos apontam exclusivamente para as consequências do pecado original, a sua transmissão (cf. Gn 2-3; Sb 3,23; Eclo 40,1), que o homem é pecador desde o nascimento (cf. Sl 51,1) e a sua universalidade (cf. Sl 14,2s). Jesus nos ensina que ninguém é justo e todos necessitam de salvação (cf. Jo 8,39). O pecado original ganha notoriedade no paralelo estabelecido pelo apóstolo Paulo, entre Adão e Cristo, no qual Cristo é novo Adão, a fonte da vida e da justiça em oposição à morte como fruto do pecado em Adão¹¹⁷. Na Imaculada, Cristo é a fonte de toda vida e justiça, pelos méritos de Cristo a mesma foi preservada da corrupção do pecado, da morte e da privação da justiça. Os Padres são concordes ao pensar que o pecado original é decadência da natureza humana, porém cada qual apresenta suas análises de que modo incidiu sobre a humanidade: Irineu (o homem é desobediente), Gregório de Nazianzo (privação humana) e outros apontam para a ignorância e fraqueza na carne humana.

Dentro da polêmica pelagiana, Agostinho apresenta sua doutrina de modo maduro ao considerar o pecado original:

[...] Em razão da transgressão de Adão, todo homem é marcado pelo pecado original. Este é um verdadeiro pecado, que nos vale um castigo temporal (a morte e a cobiça) mas também eterno (separar-se de Deus). O

¹¹⁵ Cf. GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 271.

¹¹⁶ Cf. SENTIS, Laurent. Pecado original. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 1370.

¹¹⁷ Ibid., p. 1371.

pecado original se propaga pela geração carnal e pela cobiça que a acompanha¹¹⁸.

Os escolásticos irão reafirmar o ensino agostiniano, elucidando e tornando mais entendível a doutrina na teologia católica. Dentre os escolásticos, destaca-se Tomás de Aquino, que apresenta, de modo equilibrado, o pecado e a graça em uma antropologia menos pessimista. Para Tomás, o homem padece a morte e a privação em sua existência após o pecado das origens. No entanto, o homem não perdeu os vestígios da divindade. Com isso ele não é incapaz de buscar a graça divina. Com o auxílio da graça, a liberdade humana pode acorrer ao desejo mais essencial da sua vocação: a vida beata¹¹⁹.

Dessa maneira, a doutrina do pecado original formulada por Agostinho, acolhida pelo Concílio de Cartago (418), reafirmada no de Orange (529), virá mais uma vez a ser corroborada como verdade de fé no Decreto *Ut fides*, do Concílio de Trento (1546). Não será contrariada de modo nenhum pela formulação do Doutor Sutil e nem pelo ensino da Bula de definição dogmática da Imaculada Conceição, ou seja, pela herança teológica da Tradição e do Magistério, a doutrina imaculista não é contraditória com a fé católica, é algo implícito no dado da fé e que Maria foi imensamente favorecida pelos méritos de seu Filho; ao ser preservada da mácula do pecado, sua geração não foi de modo carnal, mas miraculosa segundo a tradição patrística. Ela não padeceu nem morte nem a inclinação ao pecado, gozando de toda graça e justiça da comunhão com Deus.

A doutrina católica presente de modo profundo e sintético no Catecismo da Igreja Católica, a respeito da antropologia humana, que uma vez ferida pelo pecado original, é vocacionada a ser agraciada e salva pela pessoa de Cristo, redentor do gênero humano. Por isso o pecado original é tido como o reverso da graça que é Cristo, isto é, é a debilidade e decadência da natureza humana ferida¹²⁰, enquanto que a graça salvífica de Cristo nos redime e eleva-nos à comunhão trinitária. Dado ter criado e formado a natureza humana, Deus toma iniciativa em salvar a humanidade, por isso que o Verbo se fez carne para nossa salvação, encarnando no ventre na Virgem Maria, reconciliando-a com Deus¹²¹. A graça é dom de Deus,

¹¹⁸ Cf. SENTIS, Laurent. Pecado original. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 1371.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2001, n. 388-389.

¹²¹ Ibid., n. 456-457.

beneplácito de sua parte ao nosso socorro, que nos atrai para junto de si, filhos adotivos participantes da vida eterna, pois a vocação humana é direcionada para a vida divina, beata, com seu caráter sobrenatural e processualmente deificante¹²². Conclui-se que Deus, de modo admirável, previne a Virgem Maria da decadência e debilidade do pecado original, infundindo-lhe a graça redentora da salvação, gozando de modo prévio a vida beata, de plena amizade e comunhão com Deus.

2.1.4. As polêmicas entre os maculistas e imaculistas

O cenário escolástico sobre o tema da Imaculada Conceição gerou disputas e polêmicas teológicas muito agressivas, envolvendo ordens, teólogos, monarcas. Duns Scotus teve que enfrentar um período muito conturbado, com grandes opositores às suas teses.

Quanto à festa da 'Imaculada Conceição', não se tinha claro a sua natureza, ficava à sombra da natividade de Maria no Oriente; os grandes escolásticos se opuseram com fortes fundamentos, dentre eles: Anselmo, Bernardo de Claraval, Tomás de Aquino, os mestres da ordem franciscana (Alexandre de Hales, João de la Rochelle, Odo Rigaldi, Guilherme de Meliton, e outros) e, por fim, o próprio mestre de Duns Scotus, Guilherme de Ware, que logo viria a abandonar tal posição¹²³.

As disputas com os tomistas foram mais acirradas, no entendimento e refutação da Imaculada Conceição, pois eles partiam do princípio de universalização do pecado original e de salvação para todos, inclusive a Virgem Maria. Ela surgiu no século XII, em duas trincheiras que opuseram as duas principais ordens mendicantes: os dominicanos e os franciscanos¹²⁴.

¹²² Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, n. 1996-1999.

¹²³ Cf. MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Coord.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 299.

¹²⁴ Cf. ZAGHENÍ, Guido. **A idade contemporânea: curso de história da Igreja- IV**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 71-72. A disputa sobre a Imaculada Conceição, surgida no século XII, viu alinhadas em trincheiras opostas as duas maiores ordens mendicantes: de um lado, os dominicanos herdeiros das posições de Bernardo de Claraval e de Tomás de Aquino; do outro lado, os franciscanos, que com o apoio dos servitas, carmelitanos e agostinianos, ligavam-se às teses imaculistas propostas por Duns Scoto. Durante o século XV, com a elevação ao pontificado do franciscano Francisco Della Rovere, sob o nome de Sisto IV, a disputa pegou fogo novamente e houve por mérito do papa, que incentivou a tese imaculista – um incremento ao culto à Imaculada Conceição [...].

A partir do final do século XV, as dimensões ampliam-se ainda mais; no entanto, inúmeras faculdades de teologia de várias partes¹²⁵ (França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Espanha e da América Latina, a de Quito e Lima) assumem um compromisso de defesa em favor da Imaculada, por meio de juramento, totalizando, no final do século XVII, cerca de 150 faculdades e centros teológicos; que se difundiram posteriormente para cidades inteiras e monarcas (da Espanha, de Portugal...) ¹²⁶, e, por fim, por ordens religiosas (jesuítas, franciscanos). Destaca-se o movimento que nasce na universidade de Granada, Espanha, em 1617, que visa a defender a Imaculada até à difusão do sangue, chamado de *votum sanguinis*, que foi contestado por muitos, em especial Muratori. Nessa época muitos defensores ilustres ao dogma (saliento Afonso Maria de Ligório, em *Le glorie di Maria*, 1750, Roberto Belarmino, Boussuet) e outros fatos extraordinários evocam a Imaculada: as aparições de Rue du Bac (Paris), 1830; da gruta de Massabielle (Lourdes) à jovem camponesa Bernadete, 1858, ambas na França, antes e depois do dogma¹²⁷.

O mais significativo apoio e contributo para a defesa da doutrina da Imaculada Conceição veio da coroa espanhola¹²⁸, enviando uma legação em 1617, contra as disputas mariano-teológicas, a fim de ajudar na resolução da questão iniciada com Papa Sisto IV, ao se posicionar favorável à doutrina imaculista. Foram inúmeras alegações de solicitações e insistências de afirmações positivas para que os pontífices pudessem definir a Imaculada Conceição como verdade de fé. Ao todo foram seis pedidos formais da Coroa espanhola junto à Santa Sé em prol do dogma que viria a ser definido em 1854¹²⁹.

¹²⁵ Cf. BOFF, Clodovis M. **A mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 496.

¹²⁶ Ibid., p. 497.

¹²⁷ Cf. CARVALHO, Maria Manuela de. **Maria, figura da graça**. Lisboa-Portugal: Universidade Católica Editora, 2004, p. 153.

¹²⁸ Cf. BOFF, p. 497. A Espanha fora uma grande defensora da devoção à Imaculada, espalhando-a na América Latina e Caribe. O santo espanhol Idelfonso (+667) celebrava sua festa; o rei Pedro IV, em 1333, fundou a Real Confraria da Imaculada Conceição. Isabel e Fernando, em 1492, consagram a mesquita de Granada à Imaculada. O rei Carlos V, levava consigo e imprimia nas armas a imagem da Imaculada. Desde o século XVII quase todas as instituições defendem este dogma; inúmeros pintores espanhóis (Murilo, Zurbarán, Ribera...), tomaram a Imaculada em suas pinturas.

¹²⁹ Ibid, p. 498.

2.1.5. Doutrina Imaculista de Duns Scotus

João Duns Scotus¹³⁰, o Doutor Sutil (1266-1308) foi franciscano e teólogo inglês. Os historiadores da mariologia medieval o consideram como o grande teólogo escolástico e defensor da doutrina da Imaculada Conceição. Lançou bases sólidas na formulação teológica sem contrapor a doutrina do pecado original, alicerçada por Agostinho, e a questão da universalidade salvífica de Cristo ao gênero humano, o que foi norteador para os “séculos seguintes no triunfo da verdade da Imaculada Conceição de Maria”¹³¹. Ele mostra claramente a validade de seus argumentos da Imaculada com a sua “possibilidade” como suma “conveniência” teológica do mistério; para Scotus: “Maria é aquela mulher que, para ser Mãe de Deus, foi sumamente amada (e por isso perfeitissimamente remida e santificada), por Deus desde o primeiro instante de sua existência no seio materno”¹³². Ele traz uma novidade: o modo perfeitíssimo de Deus de salvar. Como? Foi o que Ele fez com Maria: a prevenção do pecado original e redenção pelos méritos de Cristo.

Como Duns Scotus formulou? Quais os seus fundamentos? Ele supera as teses contrárias à Imaculada Conceição, destacadas abaixo, argumentando que Maria esteve sempre unida de modo sublime ao Filho. Suas bases são provenientes de seus comentários ao terceiro livro das *Sentenças* de Pedro Lombardo¹³³, ocorridos nos anos (1302-1305), em Paris. Destacaremos logo abaixo as três teses de Scotus:

1ª) Ele refuta a primeira tese, formulando outra: *a teoria física da transmissão do pecado original*. Para Agostinho, o pecado original transmite-se por meio da geração

¹³⁰ Cf. BOULNOIS, Olivier. Duns Escoto. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 582-583. Scotus nasceu em Duns, na Escócia. Teve uma sólida formação primária e secundária dentro da ordem franciscana; sendo ordenado sacerdote em 1291, se especializou em Oxford (1291-1293), e depois obteve doutorado (1305), lecionou em Paris, é um grande comentador das *Sentenças* de Pedro Lombardo. É chamado de Doutor Sutil, por sua forma de apresentar as teses em favor da Imaculada Conceição. Foi beatificado em 1993.

¹³¹ Cf. MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Coord.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 297.

¹³² Ibid., p. 297.

¹³³ Ibid., p. 303.

natural, ou seja, a teoria física. Nela a concupiscência¹³⁴ produz a infecção na carne concebida e, conseqüentemente, a transmissão do pecado original na alma do concebido. Para Scotus, como para Anselmo, o pecado original consiste na ausência da justiça original proveniente da desobediência de Adão¹³⁵, isto é, pelo ato moral e não pela transmissão. Assim a “Imaculada Conceição de Maria é possível, tendo presente o que é essencialmente o pecado original e como ele se transmite”¹³⁶. Ele refuta:

Deus pôde, no primeiro instante da existência da alma (de Maria), dar-lhe a mesma graça que concede a outras almas no momento da circuncisão ou do batismo. Deste modo, naquele primeiro instante, (a alma de Maria) não teria tido pecado original, da mesma maneira que outra pessoa, depois de tê-lo contraído, não o tem depois do batismo recebido. E embora (naquele primeiro instante da existência da alma de Maria) a carne estivesse manchada, isso não implicaria o pecado original nem a infecção da alma, do mesmo modo que depois do batismo a contaminação do corpo (*concupiscentia*) permanece absolutamente a infecção da alma¹³⁷.

2ª) Na segunda tese, a teoria “ontológica” à *Imaculada Conceição*, a problemática foi posta por Boaventura, que apresentava que “Maria enquanto filha de Adão, tinha que existir, em primeiro lugar, e depois receber a graça”¹³⁸. Duns Scotus não nega a precedência do ser sobre a graça, todavia ele argumenta:

[...] Não se trata neste caso de uma prioridade cronológica, mas de uma prioridade de natureza [...]. No caso de Maria, portanto, no mesmo instante temporal no qual a alma começa a existir, por sua “natureza” (ou seja, enquanto alma) pode estar indiferentemente em graça ou em pecado; se Adão não tivesse pecado, no mesmo instante temporal em que Deus a cria, a adornaria sobrenaturalmente com a justiça original, agora, embora de fato Adão pecou, no entanto, somente no caso de Maria, Deus quis em virtude dos méritos de Cristo, adorná-la igualmente com a graça santificante¹³⁹.

3ª) E, por fim, na terceira tese, o grande argumento do Doutor Sutil: *o Redentor perfeíssimo e a Imaculada Conceição*. O Apóstolo Paulo considera necessária ao gênero humano a redenção universal, devido ao pecado original abranger a todos

¹³⁴ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2001, n. 1707;1264. Entende-se por “*concupiscência*” a inclinação para o pecado, segundo a qual a Tradição compreende. Com o batismo, ocorre o banho de purificação, apagando assim a mancha do pecado original, porém, permanecem certas conseqüências temporais do pecado, tais como: os sofrimentos, a doença, a morte, ou as fragilidades inerentes à vida, como as fraquezas de carácter [...].

¹³⁵ Cf. MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Coord.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 305.

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibid., p. 306.

(cf. Rm 5,12). Scotus nos apresenta o modo perfeitíssimo do Redentor salvar, prevenindo, ou seja, em Maria ocorre uma redenção preservadora¹⁴⁰, que torna ela imune ao pecado original. Scotus afirma:

O mais perfeito mediador tem o mais perfeito acto de mediação possível relativamente a uma pessoa, em favor da qual existe a mediação. Logo, Cristo teve o mais perfeito grau de mediação possível relativamente a uma pessoa em relação à qual era mediador. Ora, em relação a nenhuma pessoa teve ele o grau mais excelente do que em relação a Maria¹⁴¹.

Ele ainda aponta o verdadeiro desígnio de tal escolha e prevenção ao falar da maternidade divina, dizendo: “a união hipostática e a maternidade divina (que está ordenada a ela) são inseparáveis da Imaculada Conceição de Maria. Cristo, como redentor perfeitíssimo da própria Mãe, a preservou do pecado original”¹⁴², conferindo a ela uma sublime graça e privilégio para a realização de sua missão materna.

2.2. Magistério anterior à proclamação do Dogma da Imaculada Conceição

Depois de certos desenvolvimentos, assimilação e instituições da festa litúrgica no oriente e no ocidente, gerou-se um período de controvérsias, em que o Magistério da Igreja teve que se pronunciar sobre o esclarecimento da doutrina e na conciliação do privilégio com a universalidade da redenção (séculos XII-XIV)¹⁴³. Desde o século XV, com o Concílio de Basiléia (1439), define como verdade de fé da Igreja universal, a concepção da Virgem Maria sem a mancha do pecado original, porém sua definição foi tida como inválida¹⁴⁴. Outro grande passo foi com o formulário de Missa da Imaculada composto por Leonardo Nogarolis a pedido do

¹⁴⁰ Cf. MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Coord.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 307.

¹⁴¹ Cf. CARVALHO, Maria Manuela de. **Maria, figura da graça**. Lisboa-Portugal: Universidade Católica Editora, 2004, p. 153.

¹⁴² MERINO, p. 307.

¹⁴³ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica: documentos do magistério da Igreja, das origens aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 413.

¹⁴⁴ Cf. MEUNIER, Bernard. Basiléia-Ferrara-Florença. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 247-250. O Concílio de Basiléia-Ferrara-Florença (1431-1445), sendo suas decisões consideradas inválidas, na qual foi emitido pronunciamento favorável à oficialização do dogma da Imaculada Conceição. É considerado o 17º concílio ecumênico, que agrupa diversos contextos, transferências de locais e paralisações, porém a questão que tornou ilegítimas as decisões foi porque ambas as Igrejas não concordaram com as proposições teológicas e dogmáticas referentes aos temas: o *filioque*, purgatório, primado do papa, eucaristia, e diversas questões escatológicas, provocando assim mais um capítulo de litígios na história do cristianismo.

Papa Sisto IV à Igreja Romana. Entretanto, é com o posicionamento do Papa Alexandre VII que o advento da definição por Pio IX fica mais claro¹⁴⁵.

Analisaremos os diversos posicionamentos da Igreja, *constituições, bulas, decretos e encíclicas*, que foram dando forma e amadurecendo a proclamação dogmática de 1854. Daí emergem também a beleza e unidade do magistério ininterrupto, que em nenhum momento da história expressou opinião favorável à posição maculista, mas sempre moderou tal problemática de modo a se esclarecer¹⁴⁶.

2.2.1. Papa Sisto IV¹⁴⁷

É com Sisto IV (+1484), que se iniciam os pronunciamentos magisteriais favoráveis que nortearão e corroborarão o senso dos fiéis no que tange ao privilégio mariano da prevenção do pecado original em Maria. Ele é um personagem muito importante para o desenvolvimento e definição dogmática.

a) Constituição *Cum praeexcelsa*¹⁴⁸ (27.2.1477)

Surge em momento de grande confronto teológico, pelo grupo favorável ao dogma que rivaliza com o grupo contrário; o teor dogmático indica o diálogo e o

¹⁴⁵ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 413.

¹⁴⁶ Cf. DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 603.

¹⁴⁷ Cf. LENZENWEGER, Josef. **História da Igreja católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p.153. Estamos no chamado período Renascentista, caracterizado pela efervescência nas artes, pinturas, cultura, construções, aproximadamente dos séculos XIV-XVII, em contraponto ao período escuro e, acentuado declínio moral do papado. O Papa Sisto IV (Francesco della Rovere), que fora ministro geral dos franciscanos, um grande teólogo e orador sacro, porém muito distante dos ideais da ordem franciscana. Obteve muitos méritos no campo da arte e ciência, construindo: Ponte Sisto, Chancelaria, Biblioteca Vaticana, arquivo do Vaticano e a Capela Sistina, dando-lhe seu nome.

¹⁴⁸ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, p. 378. Nicolau de Pornússio OP e Vicente Bandello OP, durante o pontificado de Sisto IV, tinham dirigido duros ataques a esta doutrina. Sisto IV (da ordem dos Frades Menores), aprovando com esta constituição os textos da missa e do ofício "*Sicut lilium*" em honra da Imaculada Conceição de Maria, compostos por Leonardo de Nogarrola e enriquecendo-os de indulgências, exprimiu-se pela livre aceitação da doutrina escotista. Ele se fez advogado dessa doutrina uma segunda vez, na Constituição "*Grave nimis*", redigida em duas versões levemente diferentes uma da outra: a primeira, redigida em 1482, foi dirigida só contra os pregadores da Lombardia; a posterior, de 4 set. 1483 (cf. *1425s) é, em geral, contra os pregadores que condenavam a Imaculada Conceição. A doutrina foi definitivamente afirmada na constituição de Clemente XI "*Commissi nobis divinitus*", de 6 dez. 1708, na qual foi prescrito celebrar em toda parte a festa da Imaculada Conceição de Maria (BullTau 21, 338ab).

amadurecimento teológico e não a divisão; a dimensão litúrgica avança, o culto à Imaculada Conceição torna-se oficial em Roma, festejado com formulário próprio¹⁴⁹. É o primeiro posicionamento oficial do magistério nessa matéria e tem como grande incentivador o franciscano que se tornou papa Sisto IV; por isso a sua grande relevância. É um marco que servirá de base para as futuras reflexões e, conseqüentemente, para a definição dogmática. O texto assinala dessa forma:

Quando consideramos com cuidado, mediante exame devoto e atento, as extraordinárias prerrogativas dos méritos com os quais a rainha dos céus, a gloriosa Virgem genitora de Deus [...], achamos conveniente, ou melhor, obrigatório, convidar todos os fiéis cristãos às indulgências e à remissão dos pecados, para que a Deus onipotente (cuja providência, que desde a eternidade tem guardado a humildade da mesma Virgem para reconciliar com o seu criador a humana natureza submetida à morte pelo pecado do primeiro homem, pela preparação do Espírito Santo a constituiu morada de seu Unigênito [...]) rendam graças e louvores pela admirável concepção da mesma Virgem imaculada e ofereçam as missas e os outros ofícios divinos para isto instituídos na Igreja de Deus e deles participem, para se tornarem, pelos méritos e intercessão da mesma Virgem, cada vez mais aptos à graça divina¹⁵⁰.

A *Cum praeexcelsa* é o primeiro passo para a definição dogmática de Pio IX. Após ela se seguirão todos os documentos a respeito da questão, tornando assim “jurisprudência” no amadurecimento do dogma; por isso é notável sua importância teológica e litúrgica ao culto da Imaculada Conceição na Igreja. De fato, é um grande divisor de águas, que proporcionará um caminho seguro até 1854.

b) Constituição *Grave nimis* (4.9.1483)

O posicionamento favorável do magistério à Imaculada Conceição, na Constituição *Cum praeexcelsa*, gerou uma série de conflitos e contestações por parte dos maculistas, os quais forçaram o Papa a retomar o assunto na Constituição *Grave nimis (prior)* de 1482, a fim de esclarecer qualquer interpretação equívoca da parte contrária, das pregações e dos escritos de Bandelli. No ano seguinte, 1483, Sisto IV publica nova constituição, tomando o posicionamento anterior, no qual ainda não estava definida a doutrina e proibindo qualquer posicionamento ofensivo contra

¹⁴⁹ Cf. DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 603.

¹⁵⁰ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 1400.

a Imaculada Conceição¹⁵¹. Vemos um grande avanço e posição favorável à doutrina da Imaculada, pois o Magistério confirma a declaração anterior, ou seja, a Constituição “reconhece os fundamentos teológicos favoráveis à fé na Imaculada Conceição de Maria”¹⁵². E assim se expressa o ensinamento da Constituição *Grave nimis*:

Embora a santa Igreja Romana celebre publicamente de modo solene a festa da conceição da imaculada e sempre Virgem Maria, e tenha instituído para tanto um ofício especial e próprio, alguns pregadores de diversas ordens, como admitimos, não se envergonharam de afirmar, até hoje, nos seus sermões ao povo [...]. Nós portanto, querendo opor-nos a tais provocações temerárias, ... de própria vontade, não sob pressão de algum pedido a Nós apresentado sobre este <argumento>, mas somente por nossa decisão e segura ciência, em virtude da autoridade apostólica, segundo o teor do presente escrito, reprovamos e condenamos como falsas e errôneas e de todo estranhas à verdade as afirmações de tal gênero [...] e a semelhante pena e censura submetemos aqueles que ousarem afirmar que os defensores da opinião contrária – isto é, que a gloriosa Virgem Maria foi concebida com o pecado original – incorrem no delito de heresia ou em pecado mortal, dado que <a questão> não foi ainda decidida pela Igreja romana e pela Sé Apostólica[...]”¹⁵³.

2.2.2. Concílio de Trento

O sagrado Concílio de Trento (1545-1563) é convocado em meio ao turbilhão e confusão, porque a Reforma luterana provocou abalos que precisavam ser elucidados, aprofundados e ter resolução¹⁵⁴. Nasceu também motivado pelo movimento alemão de reforma, que insistia em um concílio de reforma na Igreja; o período de 18 (dezoito) anos foi conturbado, início de trabalhos, paralisações e retomadas, enfim, um concílio instável para um contexto de extrema importância. Este concílio é marcado por três grandes períodos de trabalhos e discussões, bem como por pontífices: 1º período (1545-1547), convocado pelo Papa Paulo III; 2º (1551-1552), o qual foi retomado pelo Papa Júlio III; 3º (1562-1563), reaberto por Pio IV.

¹⁵¹ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 414.

¹⁵² *Ibid.*, p. 415.

¹⁵³ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n.1425-1426.

¹⁵⁴ Cf. SESBÔUE, Bernard. et tal. (Dir.). **Os sinais da salvação**: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria (séculos XII – XX). Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 130.

Este concílio nos apresenta dois decretos, o Decreto *Ut fides* e o Decreto *Cum hoc tempore*, que nos indicarão um pouco mais no processo de amadurecimento do magistério acerca da questão teológica da Imaculada.

a) Decreto *Ut fides* (sessão V-17.6.1546)

O presente decreto reconhece a universalidade do pecado original frente aos abusos e equívoco dos reformadores protestantes em matéria teológica e ensino, porém não é sua intenção incluir, nesse universo do gênero humano, a beatíssima Virgem Maria. A posição do Magistério alude ao mistério da Imaculada e que não existem textos contrários na Sagrada Escritura e nem nos Padres a esse respeito¹⁵⁵; por isso o Decreto *Ut fides* diz:

Este santo Sínodo declara, contudo, que não é sua intenção incluir neste decreto, no qual o assunto é o pecado original, a bem-aventurada e imaculada virgem Maria, genitora de Deus, mas que se devem observar sobre este ponto as constituições do Papa Sisto IV, de feliz memória, sob pena das sanções nelas previstas e que <este Sínodo> renova [*1400; 1425s]¹⁵⁶.

b) Decreto *Cum hoc tempore* (sessão VI-13.1.1547)

O decreto continua corroborando o que foi dito anteriormente, sem tomar posições definitivas. A isenção de pecado é um especial privilégio concedido por Deus. A nenhum homem ou mulher que vive um grau elevado de justiça é imputada tal realidade do pecado¹⁵⁷, porém diz que a Imaculada é uma crença comum da Igreja e que não pode ser enquadrada no parâmetro humano do pecado. Declara no *cânon 23*:

Se alguém disser que o homem, uma vez justificado, não pode mais pecar, nem perder a graça, e que, conseqüentemente, quem cai e peca nunca foi verdadeiramente justificado; ou, ao contrário, que o homem pode por toda a vida evitar todo pecado, mesmo venial, sem que seja por especial privilégio de Deus, como a Igreja crê a respeito da bem-aventurada Virgem: seja anátema [*cf. *1537 1549*]¹⁵⁸.

¹⁵⁵ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 416.

¹⁵⁶ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 1516.

¹⁵⁷ COLLANTES, p. 417.

¹⁵⁸ DENZINGER, n. 1573.

2.2.3. Bula *Ex omnibus afflictionibus* de Pio V (1.10.1567)

A Bula se insere em um contexto de calorosas discussões, de maneira especial por posições heréticas no que tange à antropologia: pecado original e graça, fruto da corrente protestante; as doutrinas de Baius (Michel de Bay, 1513-1589), levaram a Igreja a investigar e Pio V condenou as 79 proposições heréticas¹⁵⁹. A 73ª negava a Imaculada Conceição, que em Basiléia já havia definido e também porque negava qualquer possibilidade da não impecabilidade de Maria, a qual o concílio tridentino reconhecera¹⁶⁰. Assim foram emitidos anatematismos ao pensamento de Baius, e em especial na seguinte tese:

Ninguém, a não ser Cristo, está isento do pecado original; também a bem-aventurada Virgem morreu por causa do pecado contraído de Adão, e todas as suas aflições nesta vida, como também as dos outros justos, foram castigos do pecado atual ou original¹⁶¹.

O magistério condena as proposições de Baius, mostrando assim sua prudência e cautela quanto à Imaculada Conceição. Por isso ainda necessita de dados comprobatórios que possam levá-la a definir ou não a verdade de fé. Entretanto, a presente bula dá um passo a mais na reflexão e desenvolvimento da questão e na futura definição dogmática.

2.2.4. Breve *Sollicitudo omnium ecclesiarum* de Alexandre VII (8.12.1661)

O senso dos fiéis tomou, pouco a pouco, a consciência eclesial do magistério sobre o dado da Imaculada Conceição. O Papa Paulo V, com a Constituição *Regis pacifici* (6.7.1616), proibiu que se negasse publicamente a doutrina da Imaculada, bem como, anos depois, o rei Felipe IV da Espanha, pela sua influência, fez Gregório XV estender tal proibição aos escritos privados¹⁶². O monarca espanhol pediu que o Papa considerasse a doutrina e instituísse de modo oficial e universal o ofício da festa da Conceição Imaculada de Maria, por isso nomeou Luís Crespi,

¹⁵⁹ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja, das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 417.

¹⁶⁰ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 1573.

¹⁶¹ Ibid., n. 1973.

¹⁶² COLLANTES, p. 418.

bispo de Orihuela, para trabalhar junto à Santa Sé no amadurecimento teológico e litúrgico daquele futuro dogma.

O Papa Alexandre VIII, depois de ampla consulta e acurada pesquisa teológica, com a participação de membros do Santo Ofício, das faculdades e nobres teólogos da Europa¹⁶³, emite o Breve *Sollicitudo* que antecipa de modo quase integral a solene definição dogmática de Pio IX em 1854, na *Ineffabilis Deus*, aprovando formalmente a Imaculada Conceição e reconhecendo a antiguidade de seu culto¹⁶⁴, não impondo, e proíbe que ela seja contestada de qualquer modo, condensando em sua posição magisterial todo o percurso da Imaculada na Igreja; por este motivo, publica:

§ 1. Antiga é a piedade dos fiéis cristãos para com sua bem-aventurada mãe, a Virgem Maria, quando pensam que sua alma foi preservada imune da mancha do pecado original, no primeiro instante da criação [...] por especial graça e privilégio de Deus em vista dos méritos de seu filho Jesus Cristo, Redentor do gênero humano, e neste sentido honram e celebram com rito solene a festa de sua concepção; e o seu número tem crescido depois das constituições promulgadas ... pelo Papa Sixto IV de feliz memória [*1400 1425, renovadas pelo Concílio de Trento: *1516]. ... Esta piedade cresceu de novo e foi propagada ... a tal ponto que, aderindo também várias das mais celebres academias [...]. § 2. E já que por ocasião da afirmação contrária – isto é, que a mesma beatíssima virgem Maria foi concebida com o pecado original – em discursos, lições, argumentações e atos públicos, surgiram no povo de Deus escândalos, litígios e desavenças, o Papa Paulo V de veneranda memória e Nosso predecessor, proibiu ensinar publicamente ou pregar a opinião dos que são contrários à sentença acima referida. O Papa Gregório XV, de devota memória, também ele nosso predecessor, estendeu esta proibição [...]. § 4. Nós, considerando que a santa Igreja romana celebra de modo solene a festa da Conceição da imaculada e sempre Virgem Maria e que, há tempos, ordenou para isto um Ofício especial e próprio ... em querendo favorecer ... esta louvável piedade e devoção e a festa e o culto, ... renovamos os [*decretos*] promulgados em favor [...], preservada do pecado original¹⁶⁵.

Desta maneira, o Magistério reconhece como válida a contribuição do *sensus fidei fidelium* quanto ao amadurecimento do dado da fé eclesial, corroborando o Magistério anterior, e proporcionando ampla dignidade na celebração da Santa Missa ao culto da Imaculada Conceição, com ordinário próprio e especial, para melhor favorecer a piedade, a devoção dos filhos da Igreja à beatíssima Mãe de Deus, o que mais tarde seria declarada sua solenidade e inscrita no calendário

¹⁶³ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 418.

¹⁶⁴ Cf. SESBÖUE, Bernard. et tal. (Dir.). **Os sinais da salvação**: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria (séculos XII – XX). Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 496.

¹⁶⁵ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 2015-2017.

oficial romano por Clemente XI, para toda a Igreja Universal, com a Constituição *Commissi nobis divinitus* (6.12.1708)¹⁶⁶.

2.2.5. Encíclica *Ubi primum* de Pio IX (2.2.1849)

Estamos diante do último pronunciamento, que antecipa a solene definição da *Ineffabilis Deus*. Esta encíclica traz consigo toda a tradição do magistério anterior, e que mais uma vez solicita a posição do episcopado universal, para que, unido ao senso dos fiéis, a Igreja pudesse exprimir na definição dogmática um desejo totalmente eclesial (Sagrada Escritura, Padres, Sensus fidelium, Magistério e Episcopado). Por sua vez, o posicionamento foi favorável (dos 603 bispos, 546 responderam favoravelmente à definição)¹⁶⁷. Segue um trecho da referida Encíclica e suas intenções:

O pontificado de nosso predecessor Gregório XVI, de feliz memória, tornara-se ardente no mundo católico, desejo finalmente definido pela Sé Apostólica, com solene provisão, de que a Santíssima Mãe de Deus e nossa Mãe mais amorosa, a Imaculada Virgem Maria, fosse concebido sem pecado original. [...] Este mesmo desejo é clara e indubitavelmente testemunhado pelas súplicas enviadas a nosso predecessor e nós: súplicas com as quais bispos famosos, capítulos extraordinários de cônegos e famílias religiosas, entre os quais a inclinada Ordem dos Pregadores, competiu na insistente exploração que permitido anunciar publicamente e acrescentar na Sagrada Liturgia, especialmente no Prefácio da Missa da Conceição da Santíssima Virgem, o adjetivo "Imaculada". [...] Tanto o nosso predecessor, e nós de bom grado concedeu essas aspirações. A isto acrescentamos que muitos de vós, veneráveis Irmãos, não cessaram de enviar cartas ao nosso predecessor e a nós mesmos, implorar com pedidos renovados e duplicaram o entusiasmo que definimos como doutrina da Igreja Católica de que a concepção da Bem-Aventurada Virgem Maria era completamente imaculada e absolutamente imune ao pecado original¹⁶⁸.

2.3. Bula *Ineffabilis Deus*

A *Ineffabilis Deus* é entendida como fruto maduro de longas reflexões, pesquisas, discussões, consultas, enfim, um processo eclesial necessário para acolhida de uma verdade de fé que estava implícita, porém que carecia de dados comprobatórios e que só foi possível reconhecer mediante trajeto lento e seguro da

¹⁶⁶Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 420.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Cf. PIO IX, Papa. **Encíclica *Ubi primum***. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/enciclica-ubi-primum-2-febbraio-1849.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Igreja. O contexto do pontificado de Pio IX, no qual está inserida a definição dogmática, é sem dúvida muito delicado, em pleno contexto sociocultural modernista e contexto eclesial antimodernista¹⁶⁹. O mundo católico temia o avanço de tal pensamento nas estruturas eclesiais, de modo especial o sócio-político. O dogma é a grande resposta ao tempo, para atestar a santidade de Maria em contraponto à deteriorização da ideia de pecado por parte dos modernistas¹⁷⁰, que será acentuado em Pio XII.

O Papa Pio IX, ao sancionar *ex-Cátedra* mediante bula, reconhece a Imaculada Conceição como sã doutrina, pertencente ao depósito da fé, visto que o povo reconhecia com fé e piedade esse privilégio de Maria¹⁷¹. Após ter ouvido uma equipe de teólogos, todo o episcopado da Igreja, o Pontífice publica, no dia oito de dezembro de 1854, a bula com a definição solene do dogma mariano¹⁷². Indubitavelmente a Igreja *declara, proclama e define* que a doutrina da Imaculada Conceição de Maria é privilégio de Deus a ela, em vista dos méritos de Cristo, para a missão materna do Filho de Deus.

Nesta parte da Bula, vemos a homogeneidade do Magistério; por conseguinte, Pio IX nos apresenta um grande panorama do desenvolvimento do dogma, tendo em conta as fontes magisteriais (posições de Sisto IV, de Trento e de Alexandre VII); fontes litúrgicas (celebrações e piedade, as festas litúrgicas e acolhida por parte do povo em honrar a Virgem Imaculada)¹⁷³, reconhecendo a autenticidade deste dogma¹⁷⁴ para a fé católica. Por isso, vemos:

De fato, a Igreja de Cristo, diligente guardiã e vindicadora das doutrinas a ela confiadas, nelas nada jamais altera, nada omite, nada acrescenta, mas, com todo o zelo, tratando fiel e sabiamente os velhos dados que desde tempos remotos tomaram forma e que a fé dos Padres semeou, procura limá-los e poli-los de tal modo que aqueles antigos dogmas da doutrina celeste recebam evidência, luz e precisão, mas conservem <sua> plenitude,

¹⁶⁹ Cf. GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres**: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 126.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Cf. COLLANTES, Justo. **A fé católica**: documentos do magistério da Igreja-das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003, p. 422.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Cf. SESBÖUE, Bernard. et al. (Dir.). **Os sinais da salvação**: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria (séculos XII – XX). Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 497.

¹⁷⁴ Cf. MANSINI, Guy F. Dogma. In: LATOURELE, René; FISICHELLA, Rino (Org.). **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994, p. 234. O termo “dogma” refere-se à proclamação de fé de modo dogmático, no que se refere à preposição do conteúdo da revelação divina, e que a Igreja presta assentimento de fé, pela autoridade de sua natureza e de seu magistério ordinário e universal através de sua infalibilidade. Também o Catecismo n. 88-90;491, menciona sobre a natureza do Dogma, de modo especial ao da Imaculada Conceição.

integridade e característica e se desenvolvam somente segundo seu <próprio> gênero, ou seja, no mesmo dogma, no mesmo sentido, na mesma sentença¹⁷⁵.

A fórmula final retoma o *Commonitorium* de Vicente de Lérins e exprime a autoridade da Sé Apostólica que só a Igreja pode definir o que ela reconhece como dado revelado da fé, bem como a herança dos Padres que desenvolveram comentários da sagrada escritura, que são invocados em favor da Imaculada Conceição (Gn 3,15; Lc 1,28.42), o paralelismo entre Eva e Maria (Justino e Irineu), já mencionado anteriormente, que são fundamentais para a argumentação do dado da fé¹⁷⁶.

Na definição solene, tomaremos abaixo em dois momentos seu enunciado. A princípio evoca a outorga que a Igreja tem para tornar explícito o dado da fé revelado, que substancialmente precisa de amadurecimento, nos verbos: *declaramos, proclamamos e definimos*; e coroando o ensinamento teológico das teses de Duns Scotus¹⁷⁷ sobre a preservação e méritos de tamanha graça: ‘por singular graça’, no qual emergem fortemente a dimensão eclesiológica, cristológica e antropológica:

[...] Para a honra da santa e indivisa Trindade, para adorno e ornamento da Virgem Deípara, para exaltação da fé católica e incremento da religião cristã, com a autoridade do nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem aventurados apóstolos Pedro e Paulo e nossa, declaramos, proclamamos e definimos: a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio do Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha da culpa original, é revelada por Deus e por isso deve ser crida firme e constantemente por todos os fiéis¹⁷⁸.

Como pontos fundamentais da fórmula de definição, salientamos o caráter trinitário, ‘santa e indivisa Trindade...’, o mistério salvífico que flui do interior da Trindade aos homens, isentando a Virgem Maria da mácula original para o desígnio salvífico de sua maternidade e salvação dos homens por seu Filho; mariológico, ‘Virgem Deípara...’; enaltece a Virgem Mãe, a genitora do Filho de Deus, que por sua vez faz menção aos dois dogmas marianos proclamados na antiguidade, o da

¹⁷⁵ Cf. DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013, n. 2802.

¹⁷⁶ Cf. SESBÖUE, Bernard. et tal. (Dir.). **Os sinais da salvação**: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria (séculos XII – XX). Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 497.

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ DENZINGER, n. 2803.

maternidade divina (Concílio de Éfeso, 431) e da virgindade perpétua (Sínodo de Latrão, 649), evoluindo desde Calcedônia (451) até sua especificação ‘antes, durante e depois do parto’; dimensão eclesiológica, ‘fé católica...’; a Igreja Católica que é ornada pela verdade de fé da Imaculada Conceição que se torna universal, que visa a melhor vivência da fé cristã; dimensão pontifícia, ‘apóstolos Pedro e Paulo...’ manifesta a outorga dada por Jesus à sua Igreja, na pessoa de Pedro (cf. Mt 16,16-18), a fim de governar e legislar, por isso a legitimidade da Igreja pela autoridade e múnus petrino, declara, define e proclama tal verdade de fé; dimensão cristológica e soteriológica, ‘méritos de Jesus Cristo...’, o cerne do privilégio mariano e da verdade de fé, é sem dúvida arraigada e sustentada pelos méritos da redenção de Cristo, isto é, Maria é redimida, salva por preservação, em vista de todo o gênero humano.

O Espírito Santo é o grande maestro e artífice da Igreja na sua peregrinação rumo à glória e plena verdade. O amor e a fidelidade da Igreja a Jesus e ao Evangelho são perceptíveis na história, mesmo percorrendo em meio às dificuldades e com as limitações humanas. Nesta longa jornada, a começar pelas primeiras manifestações do povo de Deus, seja na piedade ou na liturgia, no oriente e ocidente, enveredando pelas culturas, perpassando os influxos teológicos dos escolásticos e sendo acolhido acuradamente pelo Magistério, o dado de fé da Imaculada Conceição afirma a sua mais alta aplicabilidade na liturgia e na piedade do povo de Deus. Aquilo que os grandes teólogos e doutores demoraram a entender, o povo contempla de modo simples, mas profundo, porém, dessa forma: Maria é toda santa e nos conduz a Deus, porque ela é toda de Deus.

No capítulo seguinte e conclusivo, tomaremos parte das aplicações litúrgico-pastorais, tendo em vista o capítulo VIII da *Lumen Gentium* e o aprofundamento na exortação apostólica *Marialis Cultus* de Paulo VI, acerca da mariologia e sua consonância atual para a Igreja.

CAPÍTULO 3

A TRADIÇÃO LITÚRGICO - PASTORAL

Neste capítulo, abordaremos o tesouro do culto mariano: natureza, fundamentos e finalidades, de modo especial na celebração litúrgica. Em torno deste objetivo, não podemos desconsiderar os grandes acontecimentos eclesiais que antecipam o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965): a definição dogmática da Imaculada Conceição (1854), o Concílio Vaticano I (1869-1870) e a definição dogmática da Assunção (1950). O magistério dos papas que continuam a enfatizar e valorizar a doutrina e o dogma da Imaculada. Paulatinamente veremos uma mudança na mariologia e na compreensão do culto que é puramente cristológica e que perdurava até este momento no Vaticano II; todavia a Igreja é reorientada às fontes primitivas com o capítulo VIII da *Lumen Gentium*, resgatando o verdadeiro lugar de Maria no mistério salvífico de Cristo: na Igreja, que tem sua riqueza e ordenamento no aspecto teológico-pastoral com a *Marialis Cultus*.

3.1. Concílio Vaticano II – *Lumen Gentium*

O percurso do século XVIII ao Vaticano II é marcado por grandes momentos, acontecimentos, renovação teológica, amadurecimento e fortalecimento da piedade e devoção marianas dentro da Igreja. Desta maneira, elencamos: O *Tratado da Verdadeira Devoção à Maria*, escrito por São Luís Grignon de Monfort, publicado em 1843; cerca de 700 congregações femininas de caráter mariano; inúmeros santuários marianos e peregrinações que nascem a partir das aparições da Virgem Maria, a Rue du Bac em Paris e medalha milagrosa (1830), La Salette (1846), Lourdes (1858), Pontman (1871), Fátima (1917). Enfim, são séculos em que também registramos dois momentos de grande repercussão magisterial: as definições dogmáticas da Imaculada Conceição (1854), por Pio IX, e a Assunção (1950), por Pio XII.

A renovação teológica, através dos movimentos de reforma (bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico), que culminam com o Concílio Vaticano II, vão resgatando a concepção eclesial-patrística acerca de Maria (nova Eva, *Theotókos* e mãe dos

viventes)¹⁷⁹. Iniciam-se novos estudos da mariologia no que diz respeito a uma antropologia da Virgem de Nazaré, desenvolvimentos oportunos que enaltecem o indissolúvel vínculo de Maria ao Filho, sua maternidade aos cristãos, a valorização da dimensão tipológica (Filha de Sião), o redirecionamento da mariologia, a eclesiologia, ao correlacionar Maria à obra de seu Filho, à Igreja, isto é, uma mariologia vinculada à eclesiologia¹⁸⁰. Todos esses influxos proporcionarão grandes contribuições para o Concílio Vaticano II, de modo especial no que tange à mariologia e ao culto mariano no capítulo VIII da *Lumen Gentium*.

3.1.1. A Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum* - Pio X, as Cartas Encíclicas marianas - Pio XII

Nestas encíclicas veremos grande influência do dogma da Imaculada Conceição (1854), que vai além da matéria de fé ou natureza dogmática, atingindo a todo o universo católico em um período de 100 (cem) anos. Nossa intenção não é abordar todo o magistério correspondente a esse período, mas sublinhar brevemente as encíclicas *Ad Diem Illum Laetissimum*, de Pio X, e as outras três de Pio XII, a *Deiparae Virginis Mariae*, a *Fulgens Corona* e *Ad Caeli Reginam*, que realçam o dogma e a repercussão da Imaculada na Igreja, que, por sua vez, irão nos dar luzes de como a mariologia e o culto mariano ganharão incidência no Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen Gentium* e, posteriormente, na *Marialis Cultus*.

Na encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*, de Pio X (1904), faz-se referência ao 50º aniversário do dogma da Imaculada Conceição e às consequências que ecoam na vida da Igreja¹⁸¹. O Papa consagra seu pontificado nas mãos da Virgem Imaculada (*Ad Iesum per Mariam*), para que tudo seja restaurado em Cristo pelas mãos de Maria: “*Omnia restaure in Christo*”¹⁸². Em outros parágrafos trata do culto, da estrutura que se deu na formação do dogma, das fontes, dos méritos de Cristo na

¹⁷⁹ Cf. CARVALHO, Maria Manuela de. **Maria, figura da graça**. Lisboa-Portugal: Universidade Católica Editora, 2004, p. 89.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 94.

¹⁸¹ Cf. PIO X, Papa. **Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum***. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_02021904_ad-diem-illum-laetissimum.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 1-2.

¹⁸² *Ibid.*, n. 26.

preservação de Maria e do revigoramento do culto mariano na Igreja e no coração dos fiéis¹⁸³.

O Papa Pio XII nos oferece três grandes ensinamentos magisteriais acerca de Maria, os quais já foram mencionados. Na encíclica *Deiparae Virginis Mariae* (1946), a proposta de definição do dogma da Assunção, o saudoso Pio XII evoca o dogma da Imaculada para referir-se ao método de amadurecimento da Assunção, que ambos surgiram pelo ‘*sensus fidelium*’ através da piedade e do culto, e que o mesmo seria tomado para ser acolhido sem cisão e serenidade, isto é, o molde de Pio IX torna-se jurisprudência na condução e aprovação da Assunção¹⁸⁴.

Na *Fulgens Corona* (1953), sobre o ano mariano preparatório ao 1º centenário do dogma da Imaculada Conceição (1854-1954), destaca a incidência do dogma na vida da Igreja e dos fiéis¹⁸⁵, apresenta as bases e o método de acuração para aprovação¹⁸⁶, estimulando-nos à imitação de Maria, à conversão, à busca incessante pela santidade¹⁸⁷ e, por fim, mostra suas implicações pastorais na vida da Igreja¹⁸⁸. De fato, Maria é o fulgor de glória, a coroa que brilha nos atraindo para junto de seu Filho Jesus, sendo o mais belo tipo e modelo de Igreja.

Ao instituir a festa da realeza de Maria, na *Ad Caeli Reginam* (1954), Pio XII orna a reflexão da Imaculada Conceição e de sua Assunção aos céus, ensinando acerca de sua realeza, que é o grande desfecho e coroamento da mariologia desde Pio IX até seu pontificado¹⁸⁹.

¹⁸³ Cf. PIO X, Papa. **Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum***. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_02021904_ad-diem-illum-laetissimum.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 16-19;33.

¹⁸⁴ Cf. PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Deiparae Virginis Mariae***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051946_deiparae-virginis-mariae.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 2-3.

¹⁸⁵ Cf. PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Fulgens Corona***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091953_fulgens-corona.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 2.

¹⁸⁶ *Ibid.*, n. 6 -19.

¹⁸⁷ *Ibid.*, n. 20-25.

¹⁸⁸ *Ibid.*, n. 26-39.

¹⁸⁹ Cf. PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Ad Caeli Reginam***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 3-5.

3.1.2. O Capítulo VIII da *Lumen Gentium*

Percorrido esse caminho histórico e teológico, adentraremos na doutrina conciliar do Vaticano II, a qual, por sua vez, terá um dado 'inovador', que foi motivo de grandes debates, pautas, seções e divisões por parte dos padres conciliares sobre o lugar de Maria na Igreja¹⁹⁰, inserindo-a na reflexão sobre o mistério da Igreja e não com destaque particular e singular, devido ao fato de que os séculos anteriores e até mesmo o século XX foram marcados pelo dado mariano.

É de notável significância que o documento conciliar, a *Lumen Gentium*, no capítulo VIII, tenha sido dedicado a Maria: não há algo novo relacionado a Maria à Igreja, e a Igreja à Maria, pois vemos, nos escritos do Novo Testamento, Maria sempre inserida no mistério de Cristo, na sua obra redentora e em união com a comunidade dos Doze, com a Igreja primitiva (cf. At 1,14). Da mesma forma os Padres da Igreja afirmam que Maria é o verdadeiro "typos", modelo da Igreja, e que a Igreja é muito semelhante a Maria, crente por excelência¹⁹¹, utilizando-se de vários símbolos: a Nova Eva, a Filha de Sião, o Paraíso, a Arca da Aliança, a Cidade de Deus, a Mulher vestida de Sol e vitoriosa sobre o dragão do Apocalipse. Grande será a contribuição patrística na doutrina do capítulo VIII da *Lumen Gentium*.

Com o tratado sobre a Igreja, pela primeira vez elabora-se organicamente uma doutrina sobre Maria em um contexto eclesiológico. Harmonicamente temos um quadro histórico-salvífico e uma reflexão orgânica, na qual Maria não se encontra dela separada, mas nela está plenamente inserida. A doutrina anotada no capítulo VIII da *Lumen Gentium* é de grande importância para a constituição dogmática, pois Maria é o coroamento, a obra-prima e única capaz de penetrar a profundidade do mistério da Igreja; e, por conseguinte, não poderemos mais nos referir à Igreja sem nos reportarmos às relações da mesma com Nossa Senhora, fora do mistério da Igreja¹⁹².

O referente capítulo dedicado à reflexão de Maria no mistério da Igreja sintetiza, de modo orgânico e profundo, a mariologia no seio da Igreja, em um desfecho eclesial de uma longa tradição bíblica, patrística, magisterial e teológica.

¹⁹⁰ Cf. LAURENTIN, René. **A Virgem na constituição sobre a Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 38.

¹⁹¹ Cf. AMBRÓSIO *In Luc.*, II, 7, PL 15, 1555a; AGOSTINHO *De symbolo*, VIII, PL 38, 1064 *Apud* ARAÚJO, Vera; POVILUS Judith; SGARIGLIA, Alba. **A Igreja no seu mistério/I**. São Paulo: Cidade Nova Editora, 1984, p. 281.

¹⁹² LAURENTIN, p. 52.

Dividido em cinco partes, proporcionando uma densa e sólida doutrina sobre Maria, que veremos brevemente e que nos deteremos no que concerne à síntese do dogma da Imaculada Conceição e ao lugar dela no culto da Igreja, que ganhará maiores desdobramentos e amadurecimento litúrgico–pastoral na exortação *Marialis Cultus*.

A reflexão sobre Maria inicia com grande solenidade em um proêmio¹⁹³ que apresenta densamente o desígnio de Deus em Maria para a salvação do mundo, a intrínseca relação de Maria com a Igreja e a intenção conciliar. Deixa sem sombra de dúvidas que Maria ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais próximo a nós, ou seja, no mistério salvífico de Deus na *Encarnação* e no prolongamento de sua ação maternal na vida da Igreja em favor dos cristãos. É nesta que se condensa o dogma da Imaculada Conceição, dentro de um horizonte bíblico da anunciação do Senhor, mesmo que seja de modo implícito¹⁹⁴.

Posteriormente refere-se a Maria no plano salvífico¹⁹⁵, sua função, bem como na história do povo de Israel referindo-se às fontes bíblicas, com suas expectativas e cumprimentos messiânicos naquela que haveria de dar ao mundo o Messias esperado, o Salvador do gênero humano. A doutrina patrística sobre a Imaculada¹⁹⁶, chamando-a de “toda santa”, “imune à mancha do pecado original” e “cheia de graça”, bem como lembrando seu vínculo estreitíssimo ao Filho, sua cooperação na redenção e total subordinação ao mesmo e o ligame dos dogmas da Imaculada Conceição e Assunção¹⁹⁷, que vincula a que foi redimida e preservada da mácula do pecado à mesma que foi elevada aos céus em corpo e alma, Maria redimida, salva e gloriosa na comunhão trinitária.

Nas partes III e IV, nota-se que a doutrina conciliar ao culto a Maria na Igreja¹⁹⁸ só tem fundamentações histórico-salvíficas porque a mesma se encontra correlacionada e unida à obra de Cristo, que é a Igreja, com a qual se presume em Maria participação direta na obra de Cristo e sua continuidade pela operosa maternidade e assistência espiritual ao corpo místico. Nas virtudes de Maria, modelo perene para a Igreja, que desde os primórdios venera com grande e terna afeição a

¹⁹³ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Lumen Gentium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 52-54.

¹⁹⁴ Ibid., n. 53.

¹⁹⁵ Ibid., n. 55-59.

¹⁹⁶ Ibid., n. 56.

¹⁹⁷ Ibid., n. 59.

¹⁹⁸ Ibid., n. 60-67.

memória da Mãe de Deus, e com ela continua a prestar culto autêntico à Trindade Santa; de acordo com esse modo, é conveniente e frutuoso que os cristãos honrem, adornem e venerem a Mãe de Deus, pois assim atestam o magistério eclesial que se reporta à tradição bíblica, patrística, dos doutores, das tradições litúrgicas.

E, por fim, a doutrina conciliar expõe Maria como sinal de esperança ao povo de Deus, para a Igreja em seu desfecho escatológico e como instrumento de reaproximação dos cristãos separados, que veneram com igual amor à Mãe de Deus¹⁹⁹.

3.2. Teologia do Culto Mariano – *Marialis Cultus*

O ano litúrgico nos oferece os mistérios da redenção de modo celebrativo, isto é, através dos tempos, possibilitam uma maior compreensão, vivência e participação no mistério de Cristo, e nele sobressai o culto em memória de Santa Maria, a virgem Mãe de Deus, ela a Igreja venera antes de tudo²⁰⁰. Como veremos a seguir, o culto mariano é celebrado na Igreja em virtude de sua própria natureza. Por si, todo culto eclesial tem sua dimensão mariana²⁰¹ em virtude do vínculo estreitíssimo e indissolúvel de Maria a Cristo e ao seu mistério redentor; desta maneira, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre sagrada liturgia apresenta-nos uma bela síntese a respeito do culto mariano:

A santa Igreja venera em especial amor, e porque unida indissolúvelmente à obra de salvação de seu Filho, a bem-aventurada virgem Maria, Mãe de Deus, em que vê e exalta o mais excelso fruto da redenção, e em que contempla, como puríssima imagem, tudo o que ela deseja e espera com alegria ser²⁰².

Ao fazer memória de Jesus, a Igreja a faz também de Maria. Por isso, desde o início do culto cristão, a memória de Maria está inserida na celebração do mistério de Jesus e os vestígios são nítidos na corroboração desta afirmação. Desta forma, sublinharemos os pontos que atestam a autenticidade da presença de Maria no mistério de Cristo e sua presença no culto, desde os tempos antigos. A princípio dos

¹⁹⁹ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Lumen Gentium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 68-69.

²⁰⁰ Cf. BORÓBIO, Dionísio. et al. (Org.). **A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 199.

²⁰¹ Ibid.

²⁰² Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição *Sacrosanctum Concilium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 103.

textos do Novo Testamento, de modo particular a homilética transforma o *Magnificat* (cf. Lc 1,46-55) em canto da Igreja apostólica²⁰³; a homilia de Melitão de Sardes no século II, ao mencionar a páscoa do Senhor, refere-se a Maria como a cordeira sem mancha²⁰⁴; Irineu de Lião, ao comparar Maria com Eva, a mulher da nova criação²⁰⁵; na celebração da Eucaristia e na celebração do batismo, encontramos menção à Virgem Maria no culto, na oração eucarística da *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, por sinal a mais antiga: “nascido do Espírito Santo e da Virgem”, bem como no batismo, ao perguntar: “Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu por obra do Espírito Santo de Maria Virgem?”, ressaltando-se a menção de Maria no evento da encarnação do Filho de Deus²⁰⁶.

A arqueologia aponta para a presença de Maria na Basílica bizantina da anunciação, tendo a inscrição na coluna “*Chaire Mariam*”; ao referir ao texto de Lucas (1,28), desde o século II, isto é, os cristãos a invocam como cheia de graça; no século III, na invocação com a fórmula “*Sub tuum praesidium*” ocidental²⁰⁷, considerada a mais antiga oração a Nossa Senhora, de índole litúrgica; os fiéis suplicam o auxílio e o socorro da santa Mãe de Deus; o hino litúrgico “*Akáthistos*”²⁰⁸, da Igreja grega antiga, dos séculos V-VI; vê-se nas catacumbas romanas, chamada de Priscila, a figura de Maria sentada com o menino Jesus e os magos adorando; no *Arenarium*, pintura de uma mulher sentada com um menino nu²⁰⁹.

Na liturgia, nasce devidamente ao aparecimento das festas que surgem no inverno que celebram o mistério da encarnação ou nascimento de Jesus. As demais festas, memórias, solenidades, sempre estarão correlacionadas aos mistérios que estão unindo indissolavelmente Jesus e sua mãe. De maneira particular ganhou grande impulso com a definição dogmática da maternidade divina no Concílio de Éfeso (431). O culto a Maria se exprime de modo preciso pelas festividades celebradas em sua honra (quase todas elas têm origem no Oriente, posteriormente

²⁰³ Cf. BORÓBIO, Dionísio. et al. (Org.). **A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 200.

²⁰⁴ Ibid.

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ Ibid.

²⁰⁷ Cf. AUGÉ, M. et al. **O ano litúrgico: história, teologia da celebração**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 242.

²⁰⁸ Ibid.

²⁰⁹ BORÓBIO, p. 201.

chegando ao Ocidente, por Roma, em geral aceitas com maior dificuldade e demora)²¹⁰.

3.2.1. Fundamentos Teológicos

A veneração da memória da Virgem Maria na liturgia é só uma parte do culto que se presta à Mãe de Deus. A piedade e a liturgia sempre estiveram em mútua relação para favorecer a vida cristã; o paradigma “*lex orandi - lex credendi*”²¹¹, quase como uma osmose, intercâmbio recíproco, no qual a fé da Igreja culmina no ato celebrativo e na vida dos fiéis.

As grandes fontes do culto provêm da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, dos doutores, das liturgias das Igrejas, que perpassam o “*lex orandi*”, “*lex credendi*” e “*lex vivendi*”, que sustentam e alicerçam as dimensões do culto mariano e sua eficácia pastoral na Igreja, como supracitamos na doutrina da liturgia e do culto a Maria no Vaticano II, o retorno as fontes²¹².

Delimitaremos o assunto do culto mariano apenas ao âmbito litúrgico, que indubitavelmente tem valor proeminente e exemplar, dado o seu cunho objetivo e eclesial-sacramental²¹³. Desta maneira, prosseguiremos enfatizando, de modo particular, a celebração eucarística e, conseqüentemente, os textos litúrgicos da Imaculada.

Discorreremos acerca do culto litúrgico à Virgem Maria na Igreja Católica de rito latino. A *Marialis Cultus*, de Paulo VI, de dois de fevereiro do ano de 1974, visa a um ordenamento correto e aprofundamento do culto a Maria, com o objetivo de renovação litúrgica e cumprimento ao ensinamento conciliar proposto na Igreja latina. Para melhor entendermos, apresentaremos as dimensões que fluem diretamente das fontes, que são: cristológica, eclesiológica e litúrgico-pastoral.

²¹⁰ Cf. AUGÉ, M. et al. **O ano litúrgico: história, teologia da celebração**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 242.

²¹¹ Cf. MARTÍN, Julián López. **No Espírito e na verdade: introdução teológica à liturgia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 388-389. O paradigma latino indica que a fé confessada (*lex credendi*), incide diretamente na celebração da fé (*lex orandi*), fé celebrada, sendo operosa na vida dos fiéis (*lex vivendi*).

²¹² Ibid.

²¹³ Ibid.

a) Dimensão cristológica

O grande mérito da Virgem Maria, sem dúvida nenhuma, é estar unida ao seu Filho, de modo estreitíssimo, perfeitíssimo e indissolúvel, assim como já frisou o documento conciliar *Lumen Gentium*. Movido por tal ensinamento, o Papa Paulo VI insistiu em uma renovação do culto a partir do fundamento primordial, o cristológico. Maria como cooperadora de Cristo, inserida perfeitamente no mistério redentor²¹⁴, nele deve emergir o centro que é Cristo²¹⁵; repetidamente exortou em considerar que o culto mariano é desdobramento de sua subordinação ao culto de Cristo, e que a tradição sempre lhes reconheceu de modo singular²¹⁶ e, por isso, a *Marialis Cultus* exorta:

[...] Por uma necessidade íntima, de fato, essa piedade reflete, na prática cultural, o plano redentor de Deus; pelo que, ao lugar singular que coube a Maria em tal plano, corresponde também um culto singular para com ela (LG 66); como, ainda, a todo o progresso autêntico do culto cristão segue-se necessariamente um correto incremento da veneração para com a Mãe do Senhor. De resto, a história da piedade demonstra que "as diversas formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou, dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa" (LG 66) se desenvolvem em subordinação harmônica ao culto de Cristo, e gravitam à volta deste, qual ponto de referência natural e necessário das mesmas [...]²¹⁷.

Os sagrados tempos do advento e natal são favoravelmente um espelho nítido e enriquecedor para contemplarmos e conjugarmos bem que a Virgem Maria está sempre inserida no mistério de Cristo, o qual nos possibilita adentrarmos, pois ela é toda relativa e unida a Cristo, em seu culto dentro dos mistérios do Filho²¹⁸.

b) Dimensão eclesiológica

Desde sempre a veneração à memória da Virgem Maria foi celebrada no seio da Igreja, unida intrinsecamente à de Cristo e subordinada a Ele, pois o culto mariano tem sentido e importância na Igreja por ser querido pelo mistério de

²¹⁴ Cf. PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 15; 20.

²¹⁵ Ibid., n. 25.

²¹⁶ Ibid., n. 15.

²¹⁷ Ibid. Introdução.

²¹⁸ Ibid., n. 2-5.

Deus²¹⁹. Por isso a Santíssima Virgem é ornada pela rica tradição litúrgica, sendo herança desde os primórdios da comunidade cristã aos nossos dias. Desta maneira a exortação ensina-nos sobre isso:

Desejamos acentuar bem isto: o culto que a Igreja universal tributa hoje à Santíssima Virgem é derivação, prolongamento e acréscimo incessante daquele mesmo culto que a Igreja de todos os tempos lhe rendeu, com escrupuloso estudo da verdade e com uma sempre vigilante nobreza de formas. Da tradição perene, viva, em virtude da presença ininterrupta do Espírito e do contínuo dar ouvidos à Palavra, a Igreja do nosso tempo extrai motivações, argumentos e estímulo para o culto que presta à bem-aventurada Virgem Maria. E a própria Liturgia, que recebe do Magistério aprovação e alento, é expressão altíssima e documento probatório dessa mesma tradição viva²²⁰.

Tomados por grande aporte eclesiológico, bem como pela clara natureza do culto a Santa Maria e a Cristo, percebemos que nada desabona a rica tradição eclesiológica em prestar veneração a Maria. A tradição da Igreja sempre contemplou a Igreja, desde o início, em Maria em sua plenitude, correlacionando assim o modelo perfeito à sua ação cultual, sua fé e amor semelhante ao da Virgem²²¹, a exemplaridade e modelo de Maria, a Igreja no exercício do culto²²², Virgem que sabe ouvir, orar, oferecer, Virgem Mãe e mestra da vida espiritual²²³; por isso a essencialidade do seu culto na Igreja tem um lugar privilegiado, no intuito de unir-se toda a Cristo. Paulo VI ensina:

[...] Que os fiéis exprimem a sua veneração para com a Mãe do Senhor, manifestem de modo mais claro o lugar que ela ocupa na Igreja: "depois de Cristo, o mais alto e o mais perto de nós; [...] a ação da Igreja no mundo é como que um prolongamento da solicitude de Maria: aquele amor operoso de que a Virgem Santíssima dá mostras, realmente, em Nazaré, em casa de Isabel, em Caná e sobre o Gólgota, todos estes, momentos "salvíficos" de vasto alcance eclesial, encontram a sua continuidade na preocupação materna da Igreja para que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4) [...]"²²⁴.

A Virgem é o excelente modelo de louvor à Trindade Santa. Sua veneração na Igreja é imprescindível para as ações, a fim de que os fiéis colham frutos de graça na sua santificação diária.

²¹⁹ Cf. PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 56.

²²⁰ Ibid., n. 15; 36.

²²¹ Ibid., n. 23.

²²² Ibid., n. 16.

²²³ Ibid., n. 17-21; 35.

²²⁴ Ibid., n. 28.

c) Dimensão litúrgico – pastoral

A ação celebrativa da Igreja do culto mariano ainda é permeada pela obscuridade do entendimento e da forma que se dá, com erros teológicos, litúrgicos e práticos que visam unicamente a tornar incompreensível a grande riqueza do culto para a vida da Igreja e dos cristãos²²⁵.

Os anseios da Constituição litúrgica do Vaticano II são que o entendimento e a vivência da liturgia como um todo fomentem a vida cristã, alcancem os fiéis, favorecendo a união com Cristo e revigorando todo o corpo eclesial em uma participação ativa, consciente, fecunda dos sagrados mistérios²²⁶. De modo conatural, o culto mariano destina-se a essa aplicação por consequência à doutrina pós-conciliar da *Marialis Cultus*, orientando para o retorno às fontes, isto é, a valorizar Maria e o culto prestado a ela no resgate do âmbito bíblico, patrístico, litúrgico e ecumênico, em virtude de um reto ordenamento do culto e autêntico amor e piedade dos fiéis para a Virgem Maria²²⁷. Além disso, é destinado a prestar culto a Deus; a sua fecundidade incide diretamente a levar os cristãos a se conformarem a Deus, uma geração de bem-aventurados²²⁸.

O documento apresenta a contextualidade em que a doutrina litúrgica e o culto mariano estão inseridos, em um panorama em que as ciências e o uso da razão sobressaem, influenciando no homem e na mulher do nosso tempo, que todos esses estudos possibilitem aos pastores oferecer uma melhor imagem de Maria aos homens de hoje²²⁹, diluindo ou diminuindo ainda mais o abismo gerado pelo mau entendimento da associação de Maria na piedade e liturgia²³⁰.

²²⁵ Cf. PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 38.

²²⁶ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição *Sacrosanctum Concilium***. São Paulo: Paulus, 2007, n. 1; 11; 14.

²²⁷ PAULO VI, op. cit., n. 29-33.

²²⁸ Ibid., n. 39.

²²⁹ Ibid., n. 31; 37.

²³⁰ Ibid., n. 36.

3.2.2. Finalidades do Culto

O Concílio Vaticano II expõe, em matéria de liturgia, de modo singular, que a eucaristia é o cume da ação evangelizadora e ordenamento dos trabalhos apostólicos²³¹. Considerando o culto mariano na celebração eucarística, como já mencionamos anteriormente os seus fundamentos, destacaremos sua real finalidade no culto da Igreja e seu alcance para a vida dos fiéis.

A finalidade primordial e última é, sem dúvida alguma, a glorificação de Deus, o caráter latrêutico e a santificação dos homens na conformação aos desígnios divinos por meio da participação ativa²³². Por estar intrinsecamente unido ao Filho, o culto mariano favorece²³³, como instrumento eficaz, o conhecimento do Filho; sendo assim, a maternidade de Maria conduz a Igreja, e os fiéis ao encontro com Cristo e ao amor verdadeiro²³⁴, ao culto de adoração ao Pai, por meio de Cristo no Espírito Santo²³⁵.

Dentro das finalidades, emerge a eficácia pastoral; o culto a Maria conduz a Igreja a Cristo; nesse espírito de veneração à Mãe de Deus, constitui-se grande instrumento de renovação dos costumes ético-morais dos cristãos, a vida de santidade, de comunhão, de conversão e conformação, contemplando em Maria sua santidade exemplar que cativa a Igreja²³⁶.

3.2.3. Textos eucológicos da Solenidade da Imaculada Conceição

O concílio promove uma ampla renovação litúrgica, por isso os formulários de missas marianas são enriquecidos. A solenidade da Imaculada Conceição foi haurida de abundantes inspirações bíblicas, integrando Maria no mistério salvífico, por sua vez, ilustrando-a na sua relação profunda com a Igreja, sendo sua aurora de sua salvação na Natividade e início gratuito da nova criação na Conceição

²³¹ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição Sacrosanctum Concilium**. São Paulo: Paulus, 2007, n. 10.

²³² Ibid., n. 5-7; 10.

²³³ Cf. PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Marialis Cultus**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 01 set. 2018, n. 39.

²³⁴ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática Lumen Gentium**. São Paulo: Paulus, 2007, n. 66.

²³⁵ PAULO VI, op.cit., n. 25.

²³⁶ Ibid., n. 56-57.

Imaculada²³⁷. Destacaremos a Imaculada Conceição no tempo do advento e do natal, e análise dos textos eucológicos (*coleta e prefácio*).

O tempo do advento e do natal é, por excelência, tido como mariano (oito de dezembro, a Imaculada; 12 de dezembro, Guadalupe; as semanas do advento; 25 de dezembro, Natal do Senhor; 30 de dezembro, Sagrada Família; 01 de janeiro, Santa Maria Mãe de Deus), isto é, uma grande moldura mariana nos mistérios de Cristo; Maria é apresentada como partícipe dos eventos, pois vincula Maria Imaculada ao mistério da Encarnação e do nascimento: o Verbo do Pai recebe de Maria a corporeidade e, por conseguinte, a glória que se manifesta ao mundo em uma carne preservada do pecado, totalmente santa, virgem.

O que responde ao motivo da Imaculada estar inserida no período do advento e do natal, espera e cumprimento, é que Maria Imaculada é garantia da humanidade de Cristo, ponto fundamental da cristologia. O seu nascimento é provindo de carne totalmente preservada e redimida²³⁸. Maria é o precioso fruto da redenção, concedido previamente em vista de prepará-la para sua missão salvífica²³⁹; Nela a misericórdia extrapola antecipadamente, perfeitamente redimida e salva.

Desta maneira, tomaremos a juízo os textos eucológicos abaixo, com o objetivo de analisar os influxos de reforma e as dimensões que o texto comporta. A princípio, o texto da Coleta da missa da solenidade da Imaculada Conceição, presente no missal aprovado pelo Papa Paulo VI, de 1970, apresenta-nos o seguinte texto:

Ó Deus, que preparastes uma digna habitação para vosso Filho, pela imaculada concepção da Virgem Maria, preservando-a de todo o pecado em previsão dos méritos de Cristo, concedei-nos chegar até vós, purificados também de toda culpa por sua materna intercessão [...]²⁴⁰.

Os textos patrísticos elencados no capítulo inicial desta monografia são abundantes nesta coleta: ‘Ó Deus, que preparastes uma digna habitação...’, trazendo à tona a mercê de Deus sobre a vida da Virgem Maria, o seu desígnio de escolha, o Criador que modela a sua criatura mais bela para ser o verdadeiro templo que Deus habitaria no meio do seu povo, construído pelas mãos de Deus e ornado

²³⁷ Cf. AUGÉ, M. et al. **O ano litúrgico**: história, teologia da celebração. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 253.

²³⁸ Ibid., p. 254.

²³⁹ Ibid.

²⁴⁰ Cf. MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2014, p. 715.

por inefável graça e beleza, imune à sujeira do pecado; destaca a substância do dogma que é visto em ‘preservando-a de todo...’, a dimensão cristológica ‘méritos de Cristo...’, a Virgem Maria é o bendito fruto da redenção operada por Cristo, realizada retroativamente pela concepção imaculada no ventre de Ana; o dado da maternidade de Maria sobre a Igreja e os fiéis ‘purificados também...’, com seu alcance operoso a fim de todos serem motivados a lutar contra a degradação do pecado em seu âmbito espiritual e moral; por isso que Von Balthasar reflete a colaboração da primeira redimida: “[...] ela pode assumir o primeiro lugar também na mediação da salvação realizada por Cristo, até exortar todos os redimidos depois dela a cumprirem o seu dever de “co-redentores” e implorar para eles a força para realizá-lo”²⁴¹.

Por conseguinte, tomemos o Prefácio que evidencia a íntima relação de Maria com a Igreja, apresentando o resgate das fontes e sintetizando a reorientação conciliar, no mistério de Cristo, no qual Maria está inserida na obra salvífica:

[...] A fim de preparar para o vosso Filho mãe que fosse digna dele, preservastes a Virgem Maria da mancha do pecado original, enriquecendo-a com a plenitude de vossa graça. Nela nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha resplandecente de beleza. Puríssima na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador, o cordeiro de Deus sem mancha, que tira os nossos pecados. Escolhida, entre todas as mulheres, modelo de santidade e advogada nossa, ela intervém constantemente em favor de vosso povo [...]”²⁴².

A princípio, o texto já menciona o dado cristológico em favor da Imaculada, ‘A fim de preparar...’, a Mãe é enriquecida, favorecida por graça singular em razão de sua missão; inspirando-se no dado paulino (cf. Ef 5,27) em sua dimensão puramente eclesiológica: ‘Nela nos destes as primícias da Igreja...’, como supracitamos, em Maria a Igreja já alcançou a plenitude de sua forma, pois já nasceu pura e sem mancha, graças à benevolência de Deus, a noiva ornada e amada pelo seu Esposo, que, por sua vez, traz referências aos textos conciliares da *Sacrosanctum Concilium*²⁴³ e da *Lumen Gentium*²⁴⁴. E como Mãe da Igreja, Maria é modelo e exerce sua função materna em colaborar com o povo cristão. Tudo isso graças à

²⁴¹ Cf. BALTHASAR, Hans Ur von. et al. (Org.). **O culto a Maria hoje**. São Paulo: Edição Paulinas, 1980, p. 120.

²⁴² Cf. MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2014, p. 716.

²⁴³ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição Sacrosanctum Concilium**. São Paulo: Paulus, 2007, n. 103.

²⁴⁴ Cf. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática Lumen Gentium**. São Paulo: Paulus, 2007, n. 65.

reforma litúrgica do Vaticano II, que enriquece os textos para melhor proporcionar a valorização do culto e do lugar da Virgem na ação celebrativa da Igreja.

Em suma, a história e o magistério posterior à proclamação do dogma da Imaculada Conceição enfatizaram ainda mais a presença de Maria como imprescindível para a vida cristã. Os aspectos da piedade e liturgia, por sua vez nada têm de contraditórios, visto que são realidades complementares, que nutrem de modo eficaz a vida eclesial. É oportuno sublinharmos que toda a renovação e exposição que incidiram em uma grande virada mariológica (estudos, piedade e liturgia), só foi possível graças ao Concílio Vaticano II e ao capítulo VIII da *Lumen Gentium*, que consideramos importantíssimo e auxiliado pela *Marialis Cultus*, proporciona um valioso elemento de fé e piedade na compreensão de Maria no orbe católico. Portanto, a Igreja se assemelha a Maria, na sua natureza, no seu culto, e procura alcançar a plenitude de sua vocação tendo, Nela, o modelo perfeitíssimo de obediência, beleza e santidade, tendo como fonte a Santíssima Trindade.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho de conclusão de curso, intitulado *A Imaculada Conceição: teologia, história e culto*, a partir dos textos para estudo e análise, permitiu-nos apresentar a riqueza teológica dos primórdios da Igreja, proporcionando uma melhor compreensão, na história, dos desdobramentos históricos, sociais e culturais, do amadurecimento do magistério até o cume, com a proclamação do dogma, em 1854, por Pio IX, que avaliamos essenciais no entendimento, ganhando sua mais alta aplicação no culto da Igreja.

Ao considerar os dados apresentados, percebemos que a Imaculada Virgem Maria está perfeitamente inserida no mistério de Cristo e na Igreja, isto é, o dogma está harmonicamente inserido com o dado revelado, a tradição e o magistério, obtendo seus desdobramentos na reflexão da Igreja e na vida dos fiéis, ampliando consideravelmente o seu entendimento para a fé e a teologia católica, permitindo que toda Igreja se enriqueça com o culto à Virgem Imaculada.

No desenvolvimento deste trabalho, visto sua densidade textual e bibliográfica, é oportuno apresentar, em consonância com os objetivos, que a temática a Imaculada Conceição, na sua aplicação popular e litúrgica, não se contrapõe, mas antes contribui diretamente para a valorização do culto eclesial a Cristo e a Maria; para a sua eficácia pastoral e desejosa participação ativa dos fiéis; e que a Imaculada é tomada como modo exemplar para o corpo místico de Cristo.

O método de revisão bibliográfica proporcionou obter resultados satisfatórios quanto aos objetivos; isto é, o método foi essencial na pesquisa e desenvolvimento da temática. O recolhimento dos textos superou as expectativas, via essa que construiu uma valiosa reflexão permeada da riqueza teológica necessária para tal fim. É oportuno sublinhar o dado da Imaculada como patrimônio da fé católica que recebeu seu impulso através da piedade e do *sensus fidelium*, sua harmonização com o dado da redenção universal, acolhida pelo magistério e eficácia na liturgia e pastoral.

Nota-se que não abordamos todo o tema da Imaculada. Desta forma sugerimos para aprofundamentos nos diversos aspectos da teologia as seguintes temáticas: a experiência religiosa das massas; a Imaculada na questão catequética, um viés de grande alcance na formação cristã de crianças, jovens e adultos, bem

como aos futuros presbíteros; desenvolver o culto mariano, como princípio norteador do culto cristão eclesial, que proporcione revigoração aos fiéis; que a comunidade teológica se abra a fim de promover, incentivar e produzir novos estudos da mariologia, no que concerne ao dogma pouco desenvolvido e aplicado, para que surjam novas reflexões e amadurecimentos acerca da questão. Entretanto, não se esgota aqui o universo da reflexão; por isso destacamos tais contribuições para enriquecimentos futuros.

Na elaboração do projeto, verificamos, nas buscas e pesquisas, a carência teológica na reflexão da temática nos trabalhos acadêmicos ao nível de graduação, bem como nos livros de mariologia, gravitando apenas no âmbito da piedade e devoção popular. Sendo assim, sublinhamos as contribuições deste trabalho acadêmico: que a Virgem Imaculada é chave de ligação entre dois polos (piedade e a liturgia) que muitos julgam serem antagônicos, mas a pesquisa os apresenta como complementares na objetivação do culto e da santificação dos fiéis; as contribuições da Igreja que impulsionaram o culto e o enriquecimento dos textos eucológicos, que revelam de modo conciso a importância de tal solenidade no seio da Igreja; na importância para o advento e natal, a Imaculada emerge como a aurora da salvação operada por Cristo, sendo ela redimida por antecipação em vista de gerar a Salvação Encarnada aos homens.

Enfim, Maria canta as maravilhas de Deus a seu favor, cheia de graça, radiosa de beleza, de santidade, terra imaculada; em Maria, Deus triunfou como em nenhuma outra criatura jamais existente. Na jovem de Nazaré, o fulgor da glória divina encontra verdadeira acolhida e culto perfeito. E a nós, corpo místico de Cristo, tão próximos de Maria, como também distantes de sua perfeição, auxiliados por Deus e pela sua maternidade, a fim de nos tornarmos tal qual, uma Igreja em sua plenitude, toda bela, sem ruga e sem mancha.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera; POVILUS, Judith; SGARIGLIA. Maria e o mistério da Igreja. In: Vários autores. **A Igreja no seu mistério/I**. São Paulo: Cidade Nova Editora, 1984.

AUGÉ, Matias; NOCENT, Adrien; SCICOLONE, Marcel Rooney Ildebrando; TRIACCA, Anscar J. Chupungco Achille M. **O ano litúrgico: história, teologia da celebração**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

AUTRAN, Aleixo Maria. **Maria na Bíblia**. São Paulo: Edições Ave Maria, 1992.

BALTHASAR, Hans Ur von; JUNGCLAUSSEN, Beinert; LIPPERT, Klein; PETRI, Nordhues. (et al). **O culto a Maria hoje**. Subsídio teológico-pastoral elaborado sob a direção de Wolfgang Beinert. São Paulo: Edição Paulinas, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Clodovis M. **A mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.

BORÓBIO, Dionísio; MARTÍN, J. López; ALDAZABAL, J.; ALIAGA, E. (et al). **A celebração na Igreja-III: ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Loyola, 2000.

BOULNOIS, Olivier. Duns Escoto. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

BROWN, Raymond Edward; DONFRIED, K. P.; FITZMYER, J. A.; REUMANN, J. (Org.). **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CARVALHO, Maria Manuela de. **Maria figura da graça**. Lisboa-Portugal: Universidade Católica Editora, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

COLLANTES, Justo (Org.). **A fé católica: documentos do magistério da Igreja – das origens aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Christi; Anápolis, GO: Diocese de Anápolis, 2003.

COMUNIDADE SHALOM. **Anunciação do Senhor**. Disponível em: <<https://www.comshalom.org/anunciacao-do-senhor/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

DE FIORES, Stefano. Imaculada. In: _____; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**; atualizada por Johan Konings, com base da 43ª ed. Alemã (2010), preparada por Peter Hünermann e Helmut Hoping. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013.

DIVINA RIVELAZIONE. **Proclamação do dogma.** Disponível em: <https://www.divinarivelazione.org/wp-content/uploads/sites/4/2016/12/Sala_dellImmacolata1.jpg>. Acesso em: 01 de set. 2018.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). **Constituição dogmática *Dei Verbum*, sobre a revelação divina.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia.** São Paulo: Paulus, 2007.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GALOT, Jean. **Maria e o Evangelho.** Lisboa-Portugal: Editorial Aster, 1961. (Coleção Éfeso).

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. (Série IV: A Igreja, sacramento de libertação-Tomo XIII). Coleção teologia e libertação.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. ***María en los Padres griegos*: estudio introductorio y textos.** México, D.F.: Conferencia del Episcopado Mexicano (CEM), 1993.

_____, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora.** São Paulo: Edições Loyola, 1990.

IRINSCHER, J. André de Creta. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs.** Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica *Patres Ecclesiae*.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/apost_letters/1980/documents/hf_jp_ii_apl_02011980_patres-ecclesiae.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

KÜNG, H.; MOLTAMANN, J.; BORRESEN, K.; KASSEL, M. (Org.). **Maria nas Igrejas (perspectivas de uma mariologia ecumênica).** Revista teológica Concilium 188 – 1983/8: ecumenismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAURENTIN, René. **A Virgem Maria na constituição sobre a Igreja.** Pontos controversos. Caxias do Sul, RS: Edições Paulinas, 1969.

LENZENWEGER, Josef. **História da Igreja católica.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LIÃO, Irineu. **Adversus Haereses**. São Paulo: Paulus, 1995, III livro. (Coleção patrística).

MANSINI, Guy F. Dogma. In: LATOURELE, René; FISICHELLA, Rino (Org.). **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994.

MARITANO, M. Maria nos Padres da Igreja. In: BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio; SIMONETTI, Manlio (Org.). **Dicionário de literatura patrística**. São Paulo: Edições Ave Maria, 2010.

MARTÍN, Julián López. **No Espírito e na verdade: introdução teológica à liturgia**-Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero a nossos dias**. Vol. I-O período da Reforma. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MERINO, José Antonio, FRESNEDA, Francisco Martínez (Coord.). **Manual de teologia franciscana** equipe de autores: ARMELLADA, Bernardino de; IAMMARRONE, Giovanni; IAMMARRONE, Luigi; FRESNEDA, Francisco Martínez; MERINO, José Antonio; NAVAS, José Luís Parada; POMPEI, Alonso; VALDIVIESO, Rafael Sanz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MEUNIER, Bernard. Basiléia-Ferrara-Florença. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

MISSAL ROMANO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica: teoria e prática da teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MUSEU DO VATICANO. **Sala dell' Immacolata**. Disponível em: <<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/it/collezioni/musei/sala-dell-immacolata/mobile-della-sala-dellimmacolata.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

NOVO TESTAMENTO. São Paulo: Paulinas, 1975.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Marialis Cultus**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

PERETTO, E. Assunção. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PINTEREST. **Imaculada Conceição**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/44522311_3139250172/?lp=true>. Acesso em: 17 out. 2018.

PIO IX, Papa. **Carta Encíclica *Ubi primum***. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/enciclica-ubi-primum-2-febbraio-1849.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PIO X, Papa. **Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum***. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_02021904_ad-diem-illum-laetissimum.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Ad Caeli Reginam***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_11101954_ad-caeli-reginam.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

_____, Papa. **Carta Encíclica *Deiparae Virginis Mariae***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01051946_deiparae-virginis-mariae.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

_____, Papa. **Carta Encíclica *Fulgens Corona***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091953_fulgens-corona.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

SENTIS, Laurent. Pecado original. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

SERRA, Aristides. Imaculada. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

SESBÖUE, Bernard; BOURGEOIS; Henri; TIHON, Paul. **Os sinais da salvação: os Sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria (séculos XII – XX)**. Tomo 3. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção História dos dogmas).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STUDER, B. João Damasceno. In: BERARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WIKIPEDIA. **Colonna dell'Immacolata**. Disponível em: <[https://it.wikipedia.org/wiki/Colonna_dell%27Immacolata_\(Roma\)](https://it.wikipedia.org/wiki/Colonna_dell%27Immacolata_(Roma))>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. **Panagia**. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Panagia>>. Acesso em: 17 out. 2018.

ZAGHENÍ, Guido. **A idade contemporânea: curso de história da Igreja-IV**. São Paulo: Paulus, 1999.

ANEXO A – ANUNCIAÇÃO DO SENHOR À VIRGEM MARIA

Fonte: COMUNIDADE SHALOM. **Anunciação do Senhor**. Disponível em: <<https://www.comshalom.org/anunciacao-do-senhor/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

ANEXO B – IMACULADA CONCEIÇÃO (OCIDENTE)

Fonte: PINTEREST. **Imaculada Conceição**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/445223113139250172/?lp=true>>. Acesso em: 17 out. 2018.

ANEXO C – PANAGHIA, A TODA SANTA (ORIENTE)



Fonte: WIKIPEDIA. **Panagia**. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Panagia>>. Acesso em: 17 out. 2018.

ANEXO D - SALA DELL' IMMACOLATA- AFRESCO DA PROCLAMAÇÃO DO DOGMA

Fonte: DIVINA RIVELAZIONE. **Proclamação do dogma.** Disponível em: <<https://www.divinarivelazione.org/wp-content/uploads/sites/4/2016/12/SaladellImmacolata1.jpg>>. Acesso em: 01 de set. 2018.

ANEXO E – PROCLAMAÇÃO PELO PAPA PIO IX



Fonte: MUSEU DO VATICANO. **Sala dell' Immacolata**. Disponível em: <<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/it/collezioni/musei/sala-dell-immacolata/mobile-della-sala-dellimmacolata.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

ANEXO F – COLUNA DELL' IMMACOLATA IN PIAZZA DI SPAGNA

Fonte: WIKIPEDIA. **Colonna dell' Immacolata**. Disponível em: <[https://it.wikipedia.org/wiki/Colonna_dell%27 Immacolata_\(Roma\)](https://it.wikipedia.org/wiki/Colonna_dell%27%20Immacolata_(Roma))>. Acesso em: 17 out. 2018.